

N. 2

Bibliotheca Universal

Rs. 1\$000



Frei Pedro Sinzig, O. F. M.

# A Caricatura

NA


# Imprensa Brasileira

---

CONTRIBUIÇÃO PARA UM ESTUDO  
HISTORICO - SOCIAL

---

Com numerosas illustrações

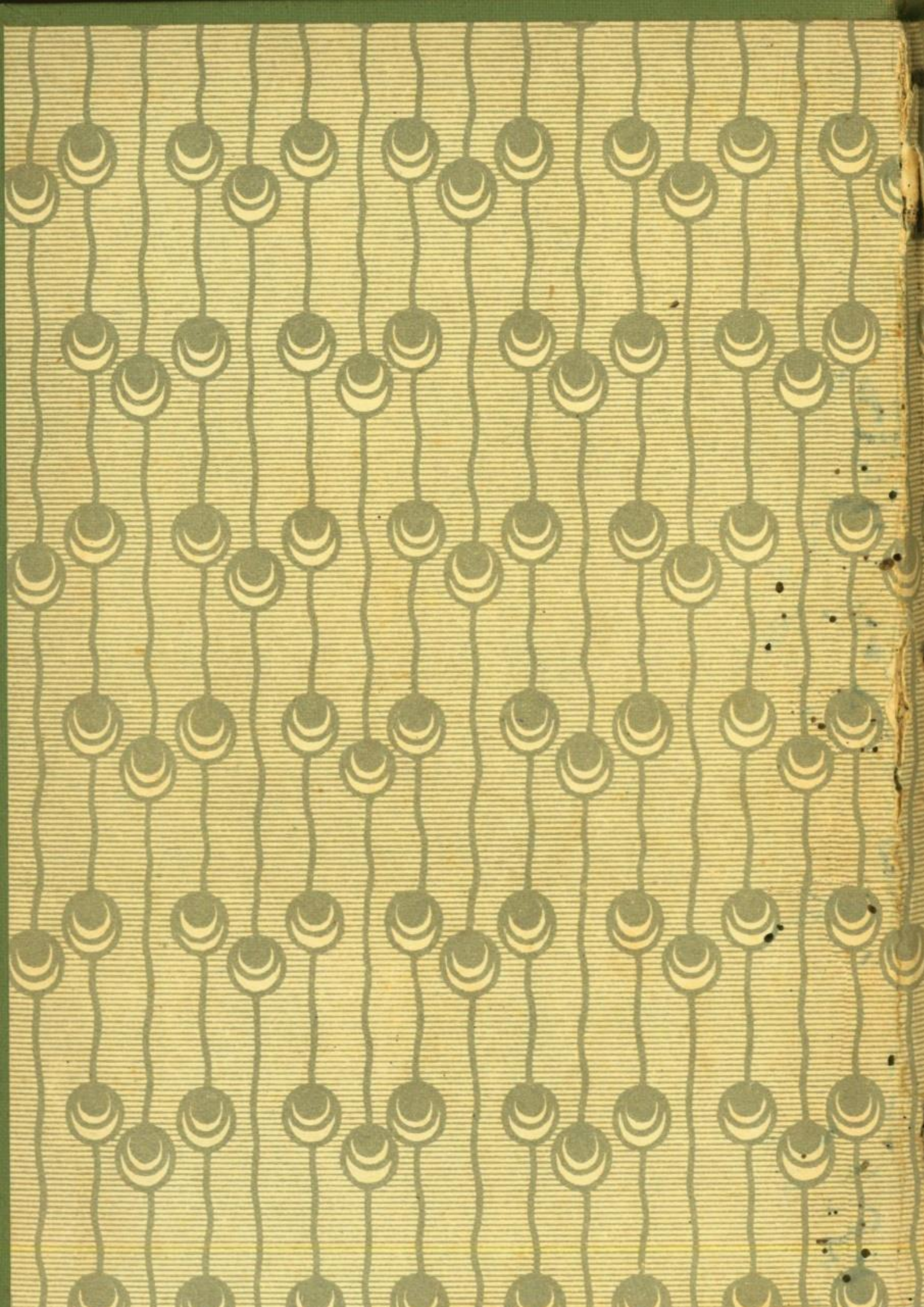


PETROPOLIS

Typ. das „Vozes de Petropolis“

1911







191

VICTO  
F. 30400  
VICTO

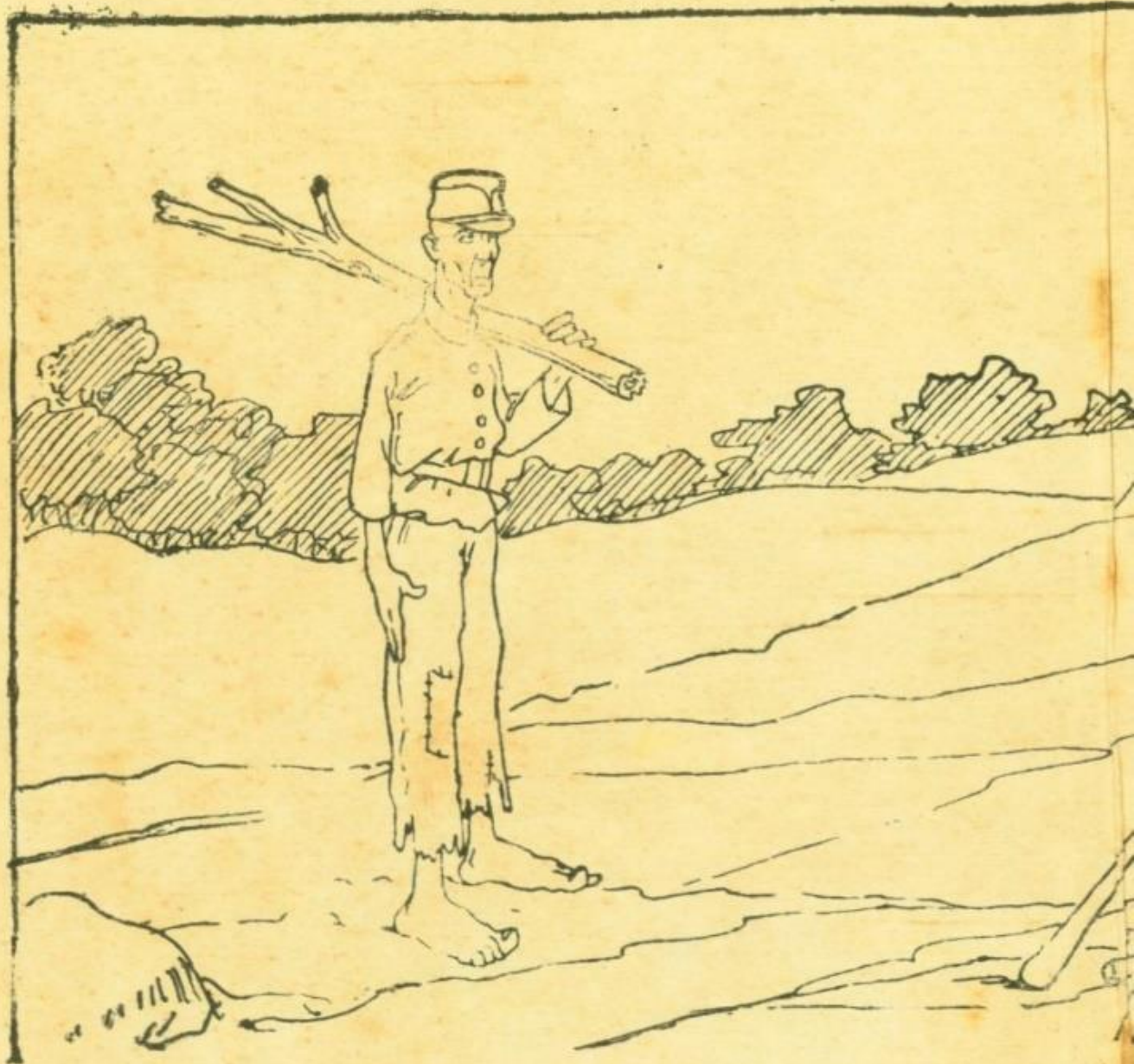






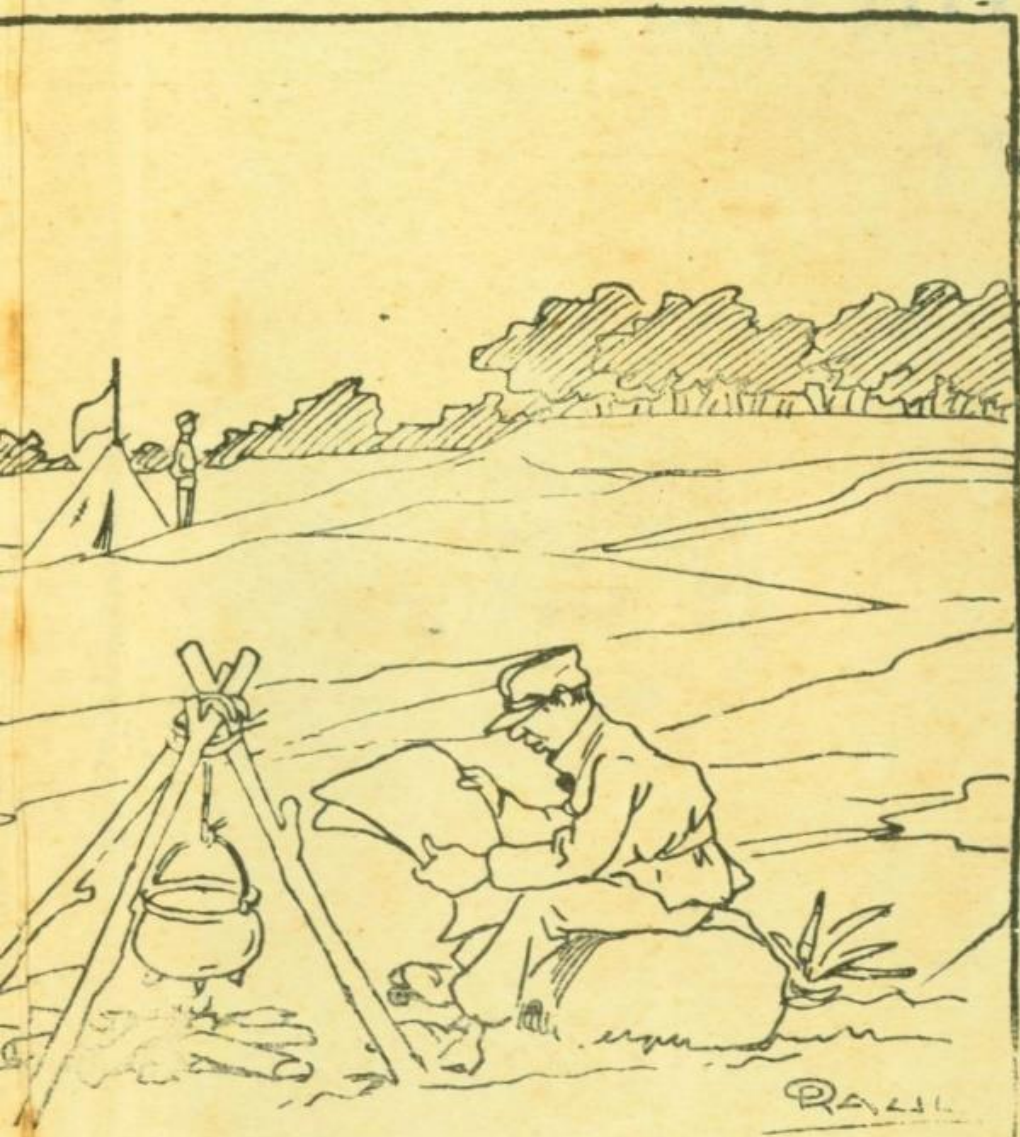
# EM MATTO GROSSO

«LASTIMAV  
almente o 15º R  
sem quartel, er



- Que estás ahi a ler, camarada ?
- Noticias do Rio, a vêr si por lá ha quem se

MAVEL—Em Nioac, Estado de Matto Grosso, encontra-se actu-  
5º Regimento de Infantaria. Conta elle 17 soldados sem armas,  
1, sem medicos, sem medicamentos.» — Do *Diario da Fronteira*.



embre da gente,

(D'O Albor.)

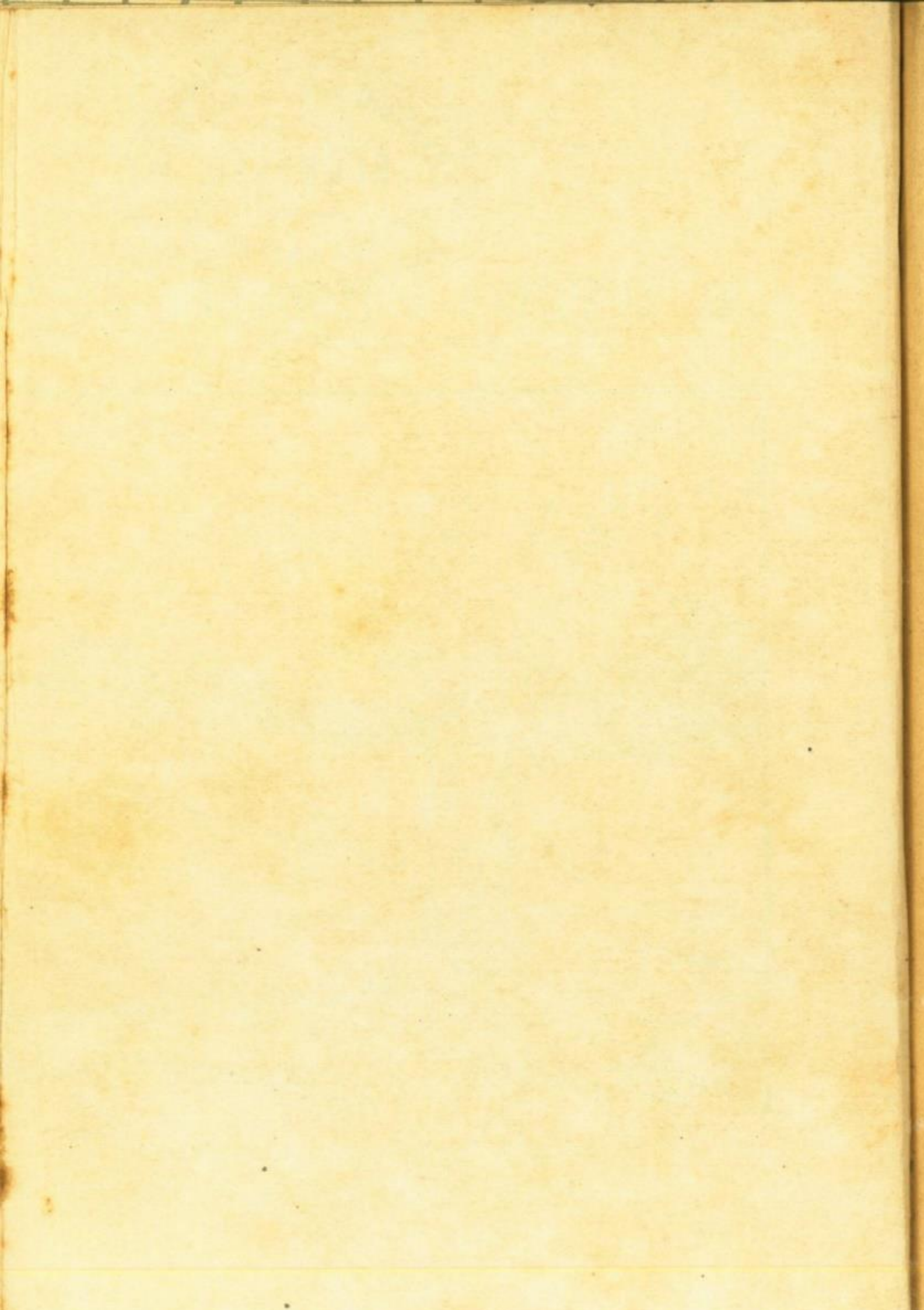
EM

VICTA  
F. 30

40

COLLEGIO SANTO ANTONIO  
BLUMENBU  
SANTA CATHARINA







132

Frei Pedro Sinzig, O. F. M.



# A Caricatura

NA

# Imprensa Brasileira

CONTRIBUIÇÃO PARA UM ESTUDO  
HISTORICO - SOCIAL

185

Com numerosas ilustrações







## A' GUISA DE INTRODUÇÃO

Um sacerdote a escrever sobre a caricatura?... Sim;— e porque não? Haverá, porventura, algum ramo da sciencia, ou, em particular, da historia, de que o sacerdote, *vi muneris*, não deva tratar? Não será até preferivel que os assumptos historicos, sociaes, etc., sejam tratados sob o ponto de vista catholico?

Em meu trabalho procurei não ser jamais injusto com os «artistas dos calungas» ao acompanhá-los nos diversos campos em que manifestam seu talento, mais ou menos acceitando a definição que da caricatura dá um dos mais espirituosos e distinctos de todos elles, o Dr. Raul Pederneiras, lente e secretario de uma Faculdade de Direito na Capital Federal — onde até delegado de policia já foi:

«Caricatura adorada,  
A tilintar como um guiso,  
Nasceu de uma gargalhada,  
No ninho quente do riso.

Aos boléus púla, brincando  
Como travessa criança;  
— Do burguez, de quando em quando,  
Dá palmadinhas na pança.

A velha mithologia  
 Soube abrigal-a em seu seio.  
 A sua musa é gorgeio  
 Cheio de graça e alegria.

Hontem symbolica e esquiva,  
 Hoje — ridente e sagaz,  
 Amanhan muito mais viva,  
 Muito mais viva e mordaz.»

Semelhante, o que escreveu *O Besouro*, fundado em 1878:

«*O Besouro* tem uma legião de inimigos: os vícios,

E uma só arma: a gargalhada.

No entanto que de mortos!

Malferidos!

Contusos!

Escoriados!

Amarrados ao proprio cadaver!

E a Gargalhada, a larga, a retumbante, a victoriosa Gargalhada, cada dia faz-se mais victoriosa, mais retumbante, mais larga.

Excede a funda de David,

A queixada de Sansão,

A espingarda de agulha,

O canhão Krupp»...

Apenas, na prática, essa especie de definição ou programma nem sempre tem sido observada pelos senhores do lapis, dos quaes alguns houve que, mais de uma vez, fizeram nascer seus desenhos não «de uma gargalhada», mas de um preconcebido espirito contrario

---

á religião, contrario á autoridade, contrario ao proximo. Isso, entretanto, não póde depreciar á arte como tal, ao menos áquella arte que corresponde á definição do Dr. Raul Pederneiras.

O presente trabalho, por imperfeito que seja e lacunoso, trará algum subsidio para a facilitação do juizo sobre a conveniencia ou a inconveniencia da leitura das actuaes revistas caricatas; e isso, não o nego, foi um dos motivos que me fizeram estudar o assumpto.

E agora, portas abertas: ao caso.

## I. — Notas geraes

Ha quem logo pense em insulto, ao ouvir falar em caricaturas. Mas não é tanto assim. A caricatura, a que, na literatura, corresponde a sátyra, embora geralmente exaggerare em pessôas e coisas algumas particularidades, as mais das vezes não passa de um desenho inoffensivamente humoristico.

Tem ella direito de existencia? E' uma interrogação ociosa, diante dos longos annos de vida que já conta a veneranda matrona, reconhecida como de consideravel influencia politica e religiosa desde os antigos gregos e romanos. Pois, não foi ella que, sobretudo na idade media, reproduziu em madeira e em pedra, nos portaes, nas paredes, nas columnas e torres das cathedraes magestosas, o inimigo infernal, dando-lhe bocca de dimensões horrendas, e pernas de macaco, de tigre, ou de sapo?

A época de florescimento em que a caricatura entrou no paiz de Gutenberg, devido a seu glorioso invento teve como incitante e manancial de assumptos inesgottaveis as lutas civis e religiosas da chamada Reforma, e serviu ella nesse tempo como arma poderosa, muitas vezes ferina, empunhada por um Lucas Cranach, um Tobias Stimmer, um Ni-

coláu Manuel Deutsch. As mais das vezes, porém, faltava-lhe o cunho artistico, que em meados do seculo XVIII lhe foi dado pelo inglez Hogarth, artista que em seu paiz elevou a caricatura a uma altura nunca antes alcançada, e que teve como successores condignos James Gillray (1757-1815), Thomas Rowlandson (1756-1827), Georges Cruikshank (1792-1878), Isaak Cruikshank e, mais tarde, John Leech (1817-64), George du Maurier, Charles Keene, Miss Kate Greenaway, M. R. Caldecott e Walter Crane, — continuando a ser considerado o *Punch* como a primeira folha caricata ingleza.

Os francezes, por indole, não podiam e não quizeram prescindir de arma tão poderosa, já manejada por Callot, C. Vernet e artistas de nomeada como Delaroche, Boulangé, M. Mayeux, Raffet, Le Pottevin. A' fundação de *La Caricature* (1830-35) seguiu-se, em 1832, a de *Le Charivari*, com Honoré Daumier († 1879), Gavarni († 1866), Grandville († 1847), e Amedée de Noé († 1879), os principaes fundadores da caricatura franceza, a um tempo fina e mordaz. O *Journal amusant*, fundado em 1848 com o titulo de *Journal pour rire*, muitas vezes se extremou aos ultimos limites em suas caricaturas sobre as condições sociaes da época, traçando Gustave Doré († 1883), Nadar (Felix Tournachon) e Gill (L. A. Gosset de Guinnes) desenhos politicos, e Alfredo Grévin († 1892) caricaturas especialmente de assumptos relativos á vaidade feminina, no que foi seguido por Mars (Maurice Bonvoisin).

A posição predominante de um artista como Hogarth muita influencia exerceu sobre a Allemanha,

onde se distinguiram Riepenhausen (1765-1840), Schubert (1761-1822), Klein e Erhard, — afastando-se porém, e cada vez mais, da influencia ingleza os artistas Ramberg (1763-1840) e Amad. Hoffmann (1776-1822). Quanto mais na Allemanha se desenvolvia e florescia a nova arte, tanto mais ia perdendo seu character de mordacidade, occupando-se, de preferencia, os caricaturistas allemães L. Richter, Hasenclever, Hosemann, Pletsch, Hentschel e Neureuther, de glosar o typo do pacato burguez de seu paiz. O anno revolucionario de 1848 assistiu ao nascimento do *Kladderadatsch*, que, em Guilherme Scholz († 1893), revelou um artista verdadeiramente superior no genero das caricaturas politicas. Tambem as *Fliegende Blätter*, de Munich, appareceram como folha politica, tendencia esta que, pouco depois, cedeu inteiramente o logar ao franco humorismo, cultivado de modo a não offender os bons costumes. Nas *Leuchtkugeln* (1847-52) e *Düsseldorfer Monatshefte* (1847-63) muito se distinguiram os grandes pintores de Düsseldorf: Schrödter, H. Ritter, Achenbach e Rethel; no *Dorfbarbier*, König e Reinhardt; nas *Wespen*, G. Heil; e no *Ulk*, H. Scherenberg. Todas essas folhas eram accentuadamente politicas.

Wilhelm Busch e Adolf Oberländer são dos primeiros caricaturistas allemães, seguindo-se-lhes Stuck, Schlittgen, Meggendorfer e outros.

Ha poucos annos, catholicos de vistas largas, com o *Guckkasten*, brilhantemente redigido pelo primoroso romancista Paul Keller, fundaram uma folha illustrada que cultiva o humorismo, e efficaçamente



concorre com o *Simplicissimus*, a *Jugend* e outros, que exploram a immoralidade e o anticlericalismo.

E no Brasil? . . .

No campo da caricatura nós aqui temos de tudo, do bom e do máu, do decente e do immoral, do inoffensivo e do mordaz, do fino e do grosseiro. A importancia dessas publicações aqui é a mesma de que se revestem nos demais paizes. E' assim que diz o «Anuario Illustrado do *Jornal do Brasil*» falando sobre Angelo Agostini, (caricaturista fallecido na Capital Federal a 23 de Janeiro de 1910, fundador do *Cabron*, d'*O Diabo Côxo*, da *Vida Fluminense*, d'*O Mosquito* e do *D. Quixote*): «A victoria da abolição deve ao seu lapis seguro tanto quanto a Patrocínio, Nabuco, e outros próceres da grande causa.»

Entre as publicações que merecem estudo e exame, avulta o *Jornal do Brasil*, tanto pelo lado artistico de suas illustrações como pelo seu lado moral e espirituoso. Exceptuando-se os bem desenhados «Typos da rua» — só em 1898 começou o *Jornal do Brasil* a desenvolver sua secção de caricaturas, que tiveram como precursores numerosos «quebra-cabeças» para explicação de proverbios. Apareciam, de vez em quando, reproducções de desenhos de caricaturistas estrangeiros (24. VII. 98; 3. IX. 99. etc.) mas, em pouco tempo, soube essa empresa jornalística encontrar artistas de incontestavel talento que muito poderosamente concorreram para a popularidade do jornal. Celso Herminio illustrava o *D. Quixote* quando, solicitado, veio publicar nas edições de domingo do *Jornal do Brasil* seus desenhos — que

---

bem testemunham a pujança de fantasia do artista portuguez, arrebatado do numero dos vivos quando voltára a visitar seu paiz natal. Nesse mesmo anno, e nos proximos seguintes, ainda não insere o jornal caricaturas em todos os numeros, embora já lhes sejam as illustrações frequentes, infelizmente reproduzindo retratos de suicidas, assassinos e assassinados.

Placido Isasi, desenhista hespanhol, com empenho especial cultiva a politica externa, exprimindo as vezes, em poucos traços, o que só longo artigo poderia dizer.

Arthur Lucas, desde 1890 começa a firmar suas caricaturas com o pseudonymo de *Bambino*, com o qual ainda hoje trabalha ao lado de Isasi, Raul Perderneiras, etc.; tendo no mesmo jornal apresentado egualmente bons desenhos Julião Machado (hoje no *O Paiz*), Amaro do Amaral, Luiz Peixoto, Rafael Bordallo Pinheiro, etc.

---

## II. — Politica

### I. — Chefes da Nação e Ministros

A politica costuma ser o thema predilecto dos caricaturistas.

Todos os actos do governo têm sua chronica traçada a lapis nos volumes da *Revista Illustrada*, da *Vida Fluminense*, da *Sentinella do Sul*, da *Lanterna Magica*, do *Pandoken*, do *Mosquito*, *D. Quixote*, *Jornal do Brasil*, *O Malho*, *A Careta*, *Abelha*, *Aristarcho*, *O Torniquete*, *O Polichinello*, o *Pescador*, *O Estabanado*, *Diabo á Quatro*, *O Pinpão*, *Artista*, etc., que fornecem assim forte subsidio para estudos historicos.

Mal se aponta o nome de algum possivel candidato a qualquer importante cargo politico, ou á propria presidencia da Republica, logo os traços característicos de suas feições, caricaturalmente exaggeradas, são apresentados a milhares de leitores avidos por conhecerem «o futuro.»

E' evidente que não damos nosso applauso a nenhuma caricatura que vize diminuir o respeito devido á autoridade, civil ou religiosa, embora Julião Machado a denomine, (no *Jornal do Brasil* de 29-III-901) «valvula de segurança por onde o excesso de amargura dos homens se esgotta em sorrisos.» Assim, por exemplo, algumas caricaturas do Dr. Campos Salles, quando Presidente, publicadas no *Jornal do Brasil*, nem sempre podiam deixar de ferir e muito, e tanto assim foi, que qualquer reacção houve contra ellas, como se deprehende do proprio jornal ao lhe folhear a collecção. Por outro lado, devemos convir em que ha caricaturas inoffensivas de chefes da nação e de seus ministros, as quaes lhes augmentam a popularidade, sem diminuir o respeito devido a sua pessoa e a seu cargo. Neste caso, constituem antes desenhos humoristicos mais do que, propriamente, caricaturas, — como aquelle quadro em que o Dr. Nilo Peçanha, inesperadamente chamado a succeder ao Dr. Affonso Penna, contempla pensativo a cadeira da presidencia, da qual, por toda parte, brotam agudos espinhos formidaveis...

Raul consagrou uma pagina inteira á «caricatura e o ex-Presidente Rodrigues Alves», — contando como este, cuidadosamente, mandara cortar dos jornaes e revistas todas as caricaturas que o tomaram por objecto, revendo-as depois, e, talvez, quem sabe? — tendo-se apaixonado pela arte ao repassar a collecção e pela pratica que ganhára, tornando-se collega do caricaturista...

Quasi não ha vocação ou mister que pela caricatura não seja attribuida ao Presidente ou a seus

ministros: de cavalheiros de idade media e trovadores passam, em salto vertiginoso, a artistas de circo, remadores, soldados, indios, lavadeiras, cosinheiros, vendedores ambulantes, medicos, feiticeiros, marinheiros, magicos, alchimistas, jardineiros, até mesmo crianças. Assim, em caricaturas do *Jornal do Brasil*, o Dr. Rodrigues Alves, deixando a cama, mostra o gorro de dormir, com as palavras: «Aqui deixo o meu gorro para o meu successor: que o Penna saiba dormir como eu... velando sempre!»; o Dr. Affonso Penna, fardado de general, apresenta «a nova tropa», seus ministros, vestidos de praças e formados em linha; o Dr. Nilo Peçanha, ao deixar a Presidencia, canta-lhe uma trova sentida:

TROVA-DOR: «Tu ficas e eu me ausento!

E nesta despedida

Si não me acaba a vida

E' só por mais penar...» Don!... Don!...

Não é raro verificar-se que essas caricaturas chamam a atenção para abusos reaes, necessidades urgentes ou questões de importancia. Em 15 de Abril de 1876, Angelo Agostini começou, em sua *Revista Illustrada*, a publicar em muitos quadros as «Aventuras de um ministro» (do Imperio): O «sr. Zé Bento» tendo lido em um jornal noticia da funebre invasão da febre amarella, que é representada sobre um cavallo, com a foice á mão, — foge espavorido; vae a galope, atravessa corregos e rios, tudo, porem, em vão: a terrivel febre o persegue de perto. Continuando a fuga, penetra na matta-virgem, onde

é ainda perseguido por cobras e tigres... avança, avança sempre, até cair, de chofre, do cavallo, ao esbarrar com um grupo de indios assentados em torno de uma fogueira. O ministro é preso; tiram-lhe as vestes, é trancafiado em logar seguro, «condemnado a ser comido pelos subditos de seu proprio paiz.» O «Sr. Zé Bento» repelle todo e qualquer alimento, emmagrecendo a olhos vistos, com grande desespero dos indios que o espiam por sobre uma cerca. Aparece, finalmente, a febre amarella, proferindo um victorioso «alcancei-o!» á qual responde o pobre do ministro: «Peste maldita, agora já não tenho mais medo de ti!»

Os indios marcam o supplicio para o dia seguinte, em que apparecem com trajés domingueiros; amarram o misero ao tronco da morte, e começam danças guerreiras. Vêm as mulheres descompol-o e insultal-o, «o que já custa aturar de mulheres civilizadas.» Mais alguns momentos, e sôa a hora fatal... «gritos de morte estrugiam nos ares»... mas — dois tiros disparados subitamente fazem fugir os indios. Acodem os salvadores: dois colonos caçadores; procuram e acham a roupa de S. Exc., em parte estragada, vendo-se fincado no chapéo um pennacho de chefe. Ao deixarem a matta, encontram o esqueleto do cavallo do ministro. Em marcha forçada por caminhos impossiveis, — esses caminhos impossiveis são um verdadeiro achado para a caricatura — chegam á casa dos colonos, onde o ministro, apesar de seus trajés carnavalescos é bem tratado e sente-se bem. O «Sr. Zé Bento» recupera as forças, e ao despedir-se promette providencias para salvar os colonos dos indios.

Na capital visita o collega da agricultura, conta tudo por quanto passou, e com elle consulta grossos volumes sobre epidemias e colonização... No meio de tão assiduo trabalho, entra um estafeta do correio, com uma carta: ... « Estamos em risco de perder 30 votos na freguezia de... » Agitação extraordinaria. Cruzam-se ordenanças. Rodam coupés. Trabalha o telegrapho, pois é preciso garantir seguros esses 30 votos. — Epilogo: Dahi a mezes, lia-se nos jornaes: « Uma familia inteira foi exterminada pelos indios. »

O lapis do caricaturista representa a scena ao vivo. O ministro, lendo a nova, reconhece a familia de colonos que o hospedára: « *Coitados! Esqueci-me que lhes tinha promettido protecção. Coitados!* »

O leitor que, ancioso pelo final, houvesse acompanhado, por numeros seguidos, as peripecias das aventuras do ministro, não esqueceria facilmente o ironico e sarcastico desfecho — caustico como um soneto de H. Heine, — e, talvez, nas proximas eleições essa lembrança influiria na escolha de seu candidato...

O mesmo Angelo Agostini, — em 1876, apresenta a lavoura, o commercio, e a industria do paiz pedindo protecção aos ministros — que lhes não attendem porque têm de « fazer uma partida de honra » — pelo que continuam no jogo.... Quem não comprehenderá o papel importante que desempenha o lapis na luta da propagação de idéas!

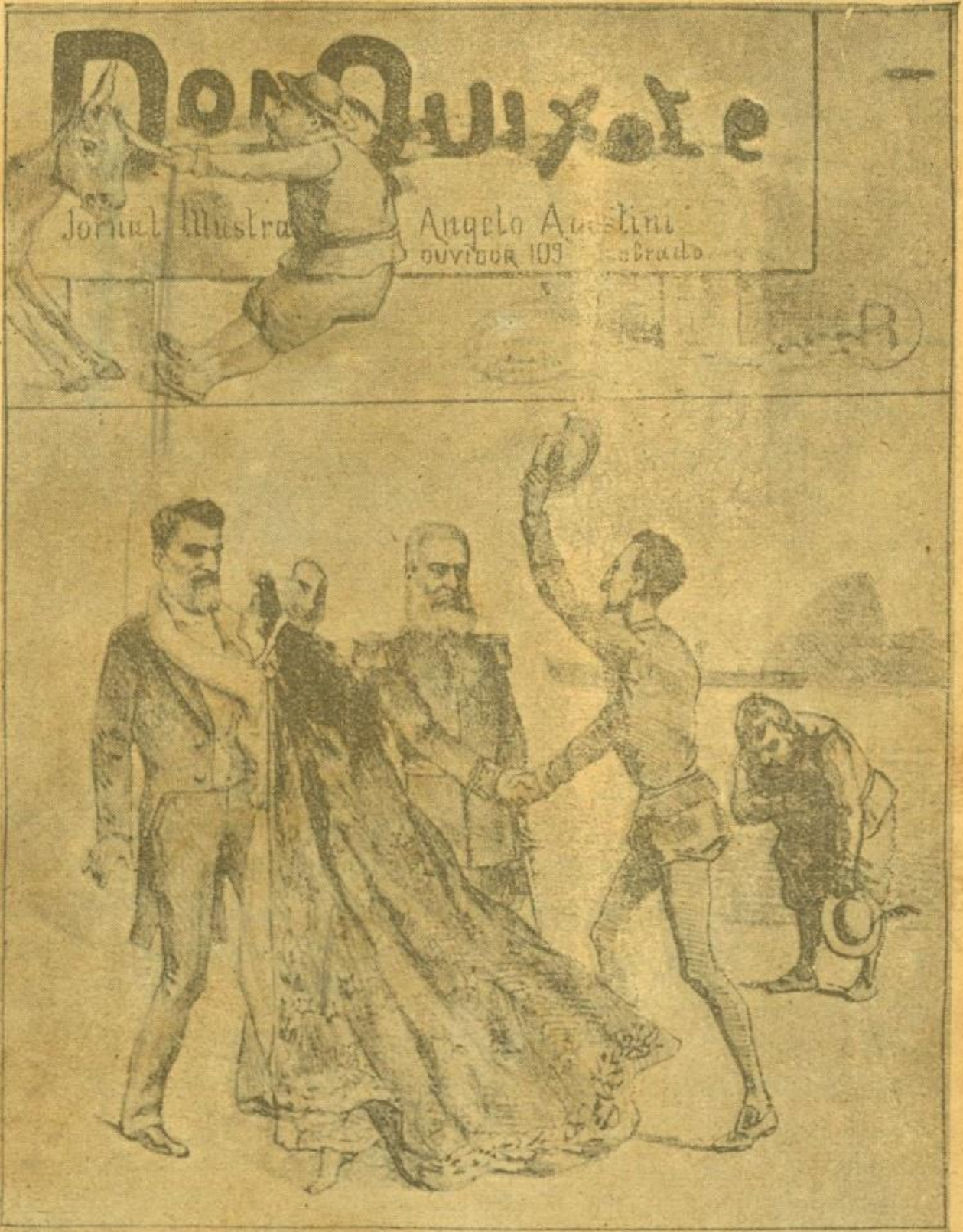
Que os chefes de Estado nem sempre podem fazer executar sua vontade, mostra-o, entre outros, uma caricatura ainda de Agostini, no *Don Quixote*. O cavalheiro da Triste Figura e Sancho Pança, seu

fiel escudeiro, foram visitar o Presidente da Republica, Dr. Prudente de Moraes. «Sahindo do gabinete —



narra *D. Quixote*, — conseguimos ver as *ficelles*





da politica jacobinesca com que os chefes ensaiavam, por meio de um boneco, as attitudes que pretendem dar ao Chefe do Estado... Cheios de patriotica indignação, sentimos impetos de tomar o lugar de taes politicos, e darmos a attitude que mais convem... para bem de todos!»

Aos mesmos chefes de Estado, porém, em outras occasiões é feita justiça. Assim, Angelo Agostini, no cliché que na pag. 17 e que deixa ver o original e sempre variante cabeçario da revista de que é reproduzido, diz em lapis e prosa:

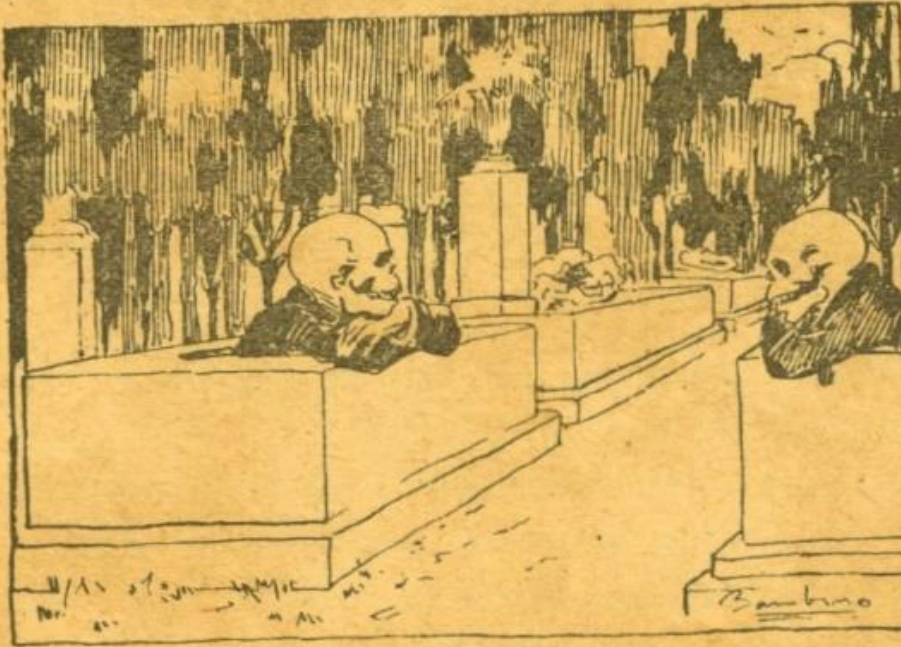
« Diante do procedimento energico do Governo para com os alumnos indisciplinados da Escola Militar, a Nação manifesta o seu enthusiasmo. »

## II. — Eleições

São as eleições assumpto grato aos caricaturistas e á opposição. As scenas eleitoraes, reproduzidas pelos lapis inclementes de um Raul Pederneiras, de um Cas. Miragy, Bambino, e outros, nem sempre são as de um fóco de civilização. Pelo contrario, não fogem elles de collocar o dedo bem na ferida, máu grado dôres e clamores, protestos e contestações.

Uma das mais espirituosas caricaturas desse genero, é a de Bambino (Arthur Lucas) no *Jornal do Brasil* de 15 de Fevereiro de 1903. Scenario, o cemiterio. Personagens: dois *eleitores*. Enfiando para fóra dos respectivos tumulos as não menos respectivas caveiras, tranquillamente discreteiam sobre as pro-

ximas eleições que os fará reaparecer no numero dos vivos . . .



O mesmo assumpto se presta, a ser e muitas vezes apparece, explorado com multiplas variações. Em caricatura publicada no mesmo jornal a 24 de

outubro de 1904, um candidato em apuros é figurado no cemiterio, conjurando os mortos a salvá-o, augmentando-lhe a votação . . . A 31 de outubro de 1909, ainda o mesmo jornal apresenta, na *charge* do dia, uma serie infinda de « eleitores eternos » que acabam de sahir de seus tumulos, intitulado-os: « os combatentes de hoje. » Seguem-se, em outras caricaturas, scenas de pancadaria e navalha, que fazem *desapparecer a nostalgia* de certos elementos; o diabo a remexer a panellinha eleitoral; supplicas de candidatos a Zé Povo, eternamente illudido . . .

A cubiça de apresentar forte influencia eleitoral, que caracteriza certos chefetes politicos, os quaes forçam augmentando-as as votações nos districtos que dirigem, é finamente estigmatizada em caricatura espirituosa do *Jornal do Brasil*: durante uma eleição que corria « animadissima » os mesarios, em

deredór da urna, dormem regaladamente ... (J. do Br. 3. III. 906.)

*O Paiz* foi igualmente feliz em uma pilheria sobre eleições: um eleitor, justamente receioso de expôr a vida num pleito, recusa-se ir á urna. Um sacerdote vem, apresenta-lhe a cruz, e promptifica-se a acompanhá-lo na « viagem » que pôde ser talvez a ultima ... (O P. 1. III. 910.)

Ainda Raul aproveita o assumpto para uma bôa charge: assustadissimo e tremulo, um eleitor assiste a um sujeitarrão forte, robusto, ameaçadoramente armado de um bengalão, que em vez do proprio lança na urna *o voto do eleitor* ... que não protesta siquer, sob pena de ser ainda esbordado! A seu modo, o lapis do caricaturista diz o mesmo que a penna caustica do poeta satyrico bahiano, Lúlú Parola:

Para o governo vencer  
Não precisa espaldeirar  
Como é que vae-se brigar  
Quando se pôde escrever?

Uma eleição hoje em dia  
Não faz-se á faca de ponta:  
E' bastante saber conta  
E saber-se *actagraphia*.

Não é preciso o fuzil:  
De 10 votos, num momento,  
Uma cifra faz um cento,  
Mais uma cifra ... faz mil!

Um voto póde valer,  
 Num minuto, uma centena;  
 E' questão de bôa penna  
 E de quem saiba escrever.

O eleitorado vivente  
 Não comportando a medida,  
 A quem morreu dá-se a vida,  
 Para dar voto, somente.

Tendo-se penna aparada,  
 Bom papel e tinta bôa,  
 Tudo o mais é coisa atôa...  
 Tudo o mais não vale nada!

E' duro. E' cruelmente duro... E oxalá! possam os caricaturistas de ora em diante representar tudo isso apenas como velhas scenas do passado

As sempre infelizmente malogradas tentativas na organização de um partido baseado em principios catholicos, não escaparam á guerra de certos lapis. Angelo Agostini representava os partidos adversarios do Imperio por cavalleiros ageis e valentes — só o partido catholico era - o desastrado e lerdo... Na *Semana Illustrada*, nº 6, de 1860, vê-se uma caricatura sob a epigraphe «*Grande steeppe chase eleitoral*». O partido liberal, cavalgando elegante ginete, salta victoriosamente o obstaculo, representado por uma cerca (o governo). O catholico, figurado por um Bispo que monta uma pobre mula tropega, coitado, como saltal-a tambem?

Completando o quadro em que se satyriza a derrota dos catholicos, o desenhista apresenta assistentes enthusiasmados a baterem palmas ao vencedor

liberal, foguetes a estrallegarem e a ribombarem festivos, numa barulheira terrível de vaia contra o partido vencido *nas urnas* (seria nas urnas mesmo?)

Em outro desenho do mesmo numero e sobre o mesmo assumpto, encontram-se no «campo de batalha de 30 Dezembro de 1860» como destroços: mitras episcopaes, barretes cardinalicios, baculos — ao lado de «chapas» de votos eleitoraes com os rotulos «Regenerador», «Constitucional», Conservador... e, ao fundo do quadro, fugindo, pequeninos, os catholicos, representados pelos Bispos...

Como se vê — a formação e a consequente prosperidade de um partido politico com feição accentuadamente catholica, não era muito sympathica á caricatura d'aquelle tempo.

### III. — Senado e Camara

Ai! dos pobres «Paes da Patria»! De facto, os caricaturistas não os largam um unico momento, ora glosando seus pingues subsidios, ora sua frequencia *assidua* ás sessões, ora o *rico* vocabulario nellas usado, ora os desesperados esforços que empregam para que lhes não fuja o mandato... As mensagens lidas perante o Congresso, figuram-se grossos rôtulos de papelorio que se poderia estender do pólo norte ao pólo sul... A ancia pela consulta do dictionario (o pomo prohibido) degenera em assalto e briga, na fantasia do caricaturista, como o revela

Bambino em seu desenho «Num recanto da Camara» (J. do Br. 19. IX. 903).

A chuva torrencial de pedidos feitos por seus eleitores aos «Paes da Patria», e pelos eternos caçadores de empregos e sinecuras, é assumpto que os caricaturistas jamais deixam escapar (J. do Br. 4. V. 908). Menos agradável para os representantes do povo são algumas charges, como uma de Julião Machado (J. do Br. 28. VI. 1900) que, profligando a frequente ausencia dos parlamentares ás sessões, aconselha que se escolha o recinto da Camara para local preferivel de *rendez-vous*, — o mais seguro contra visitas e surpresas em todo o Rio de Janeiro...

Occasiões ha, porém, em que a Camara parece que é o logar menos proprio para esses tranquillos e solitarios *rendez-vous*... Luiz o mostra, apresentando a Camara como uma senhora que, com extremo prazer, deixa de sua mão cahirem os pobres deputados, que formam uma penca viva. E explicando mais claramente a grande frequencia de deputados á Camara em certa occasião, exclama: «Só mesmo o João Candido poderia trazer tantos deputados ao recinto... Viva o João Candido!»! João Candido fôra chefe da revolta dos marinheiros, e os deputados accorriam á Camara para votar a amnistia em virtude da qual os revoltosos deporiam as armas.

Os orçamentos fornecem ensejo a commentarios especiaes. Veja-se este do *Jornal do Brasil*: um elephante, de proporções colossaes, que deve constituir o orgulho de sua elephantica familia, representa a digna politicagem. O sr. Senado, venerando ancião, em mangas de camisa, e D. Camara, sua es-

posa, desprendem um enorme fardo, intitulado «os orçamentos» de sobre o dorso do animalão, que satisfeito sorri. Ao lado, pensativo e triste, apoiando o queixo á mão, vê-se o misero do Zé Povo, com seu espantado burrinho magro, de nome «Commercio, Industria e Artes» — para o qual a carga vae ser transferida. E o leitor, de pleno accordo com o pobre do Zé, ha de chegar á mesma reflexão dolorosa: «Que será do burrinho com semelhante perigo?» (J. do Br. 15. I. 1911).

Bambino, occupando-se da reabertura do Congresso, dá azas aos risonhos deputados, que tornam de volta ao campo de «milho» desenvolvido (J. do Br. 23. IV. 1911):

«Bem differentes das pombas do poeta:  
No azul do parlamento as azas soltam,  
Ao «milharal» de novo os «bichos» voltam...  
E o grosso «milho» não nos volta mais.»

Outro desenho com a mesma idéa encontra-se no *Diabo á Quatro* de 1881.

Bem mais causticamente forte é uma caricatura de Raul, na qual um papagaio volta-se indignado contra seu dono, exclamando: «Faça o favor de me não comparar mais com a gente do Senado! Eu falo muito. . . mas sei o que digo!» Caramba!

Egualmente dura e forte é ainda outra, também de Raul Pederneiras, fazendo responder um popular descalço a dois policias a cavallo, que o prendem: «Vagabundo eu? Que injustiça do acaso!... Olhem: tirem o mandato de muitos congressistas, e digam-me depois o que são elles...»

Outro desenho, que não abona muitos os cre-



ditos de nossa civilização, em parte explica a mordacidade dessas caricaturas de Raul: O policial de sentinella á Camara dirige-se a um espectador que pretende assistir á sessão:

«Não póde «entrá» de bengala pr'as «galeria».

«— Mas, camarada, repare que é uma badine...

«— Não ha badines nem badonas... são «órdes»... si o senhor fosse p'r'o recinto, podia «levá» até... um arsená»...

Divulgando-se e popularizando-se semelhantes idéas, não se póde extranhar que para Bambino (J. do Br. 28. IV. 1911) a Camara não passe de um cinematographo, cujo porteiro, em alta voz, grita empunhando os programmas:

— «Preparem-se! Vão começar os *films* de grande successo!»

Com o titulo sensacional — «Mais um infanticidio,» vê-se (J. do Br. 5. VIII. 1908) «a sinecura estrangulando o dever parlamentar». Amaro inspira-se nos morosos trabalhos do Senado para a composição desta charge: o Senado, respeitavel, de longas barbas brancas, preguiçosamente se recosta em sua poltrona de espaldar, escandalosamente bocejando: «Estás sempre a bocejar, meu velho!» — «Que queres? São tão interessantes as sessões do Congresso...»

Luiz trata do mesmo assumpto. A um pae de familia, typo magricella, dirige-se a gorda consorte, tratando da vocação da filha, de cara estúpida: «Então, você acha que a pequena tem geito para congressista?» — «Sem duvida! Não faz nada...»

Veja-se ainda esta gravura intitulada *O máo exemplo*, e que sahin n' *O Albor*:



— O menino vai mal, não tem estudado arithmetica...

— Estou estudando para deputado e na casa d'elles ninguem faz caso de numero.

#### IV. — Estados da União — Revoltas

Agradaveis uns, desagradaveis outros, os assumptos e as criticas com que a elles se referem neste

capitulo os caricaturistas. A' cathegoria primeira pertencem as festivas recepções com que é de praxe receberem-se os politicos em seu Estado natal. Bambino registra uma dessas, figurando a Bahia, gorda *mulata velha*, a mexer a panella em que cozinha o *munguzá* — «o prato festivo, para a chegada de «yôyô Marcellino».

São, porém, mais frequentes as allusões a casos serios e graves, embora com seu humorismo os tente amenizar a caricatura. E' ainda de Bambino a seguinte referencia ao «caso de Sergipe»: o presidente Rodrigues Alves, vestido de costureira, procura remendar a velha tunica da Republica, em que se vêem rasgões e remendos com o letreiro *revolução* — e pergunta o desenhista, fazendo um trocadilho: «Remenda ou *serge pannos*?»

Referindo-se a coisas e crises do mesmo Estado, Raul desenhou dois «figurinos» que de tal fórma encouraçam quem os vista, que a esses nem o rosto se lhes descobre: transformam-n'os em guerreiros da idade media. A explicação maliciosamente ironica está na legenda: «contra a *obra do acaso* em Sergipe.»

Sob o titulo «Inseparaveis», Bambino apresenta duas mulheres truculentamente armadas, uma de manhas, a outra de um fusil, e que são a Politicagem e a Revolta. Especialmente referindo-se á ultima, commenta: «Bem se vê que nunca apparece sósinha...»

O Dr. J. J. Seabra, politico bahiano em evidencia, num desenho de Raul vem abreviar o trabalho de saneamento, sacudindo energicamente a Politicagem e ameaçando-a com grosso cacete, em

que se lê: «pratos limpos.» O commentario refere-se ao chamado «caso de Alagoas» (Estado pelo qual o mesmo politico foi eleito senador, não consentindo porém manobras partidarios o seu reconhecimento) — e diz: — *Seabra*: Vou desancar a politicagem intragavel que estragou e tem estragado todas as razões honestas da *filha* da moral e da razão» (A san politica, na phrase de José Bonifacio de Andrade e Silva, cognominado o Patriarcha da Independencia do Brasil).

O convenio de Taubaté, com que os governos dos Estados de S. Paulo, Minas Geraes e Rio de Janeiro planejaram conjurar a crise do preço baixo do café, valorizando este producto, foi, a seu tempo, discutido apaixonadamente. Glosando-o por sua vez, Raul, sob o titulo *Ainda o café*, desenha um canzarrão preso por uma colleira apertada (a crise) e a cheirar um pequeno osso na gamella do convenio: «Que osso chimfrim para um cachorro tão grande!»

O mesmo convenio provocou uma charge, dessa vez não em jornal, onde só depois foi reproduzida pela gravura, mas em plena via publica: um bello dia, na rua da Alfandega, esquina da rua da Candelaria, onde se faz o diario movimento de todas transacções de Bolsa e cambios, deparou-se com uma cruz fincada no chão, sobre o tope uma pequena vela, e o cartaz: «aqui jaz o convenio de Taubaté» — e outro cartaz menor: «Cambio a 0.» Sobre a cruz dependuravam-se corôas funebres, das quaes pendiam fitas com inscrições como estas: «Caixa da Conversão» — «Saudades do Pinheirinho» . . .

Como na anterior, figurava nesta charge um magro osso, e um letreirinho: «Veto». Essa «troça» constituiu a nota humorística de todo esse dia durante o movimento na Bolsa.

Uma pagina forte e mordaz é a em que Raul (J. do Br. 8. II. 1911) narra as façanhas de um viajor inglez, que, em terra, no mar, no ar affrontou os maiores perigos, sem jamais se lhe desfallecer a coragem — nem mesmo quando, — amarrado a um tronco, os negros selvagens lhe rasgavam a pelle e as carnes... Nada houve que lhe fizesse perder a calma imperturbavel... «Mas . . . (e ahi o lapis de Raul desenha o bravo inglez fleugmatico disparando espavorido em carreira vertiginosa de fuga) mas. . . «si me falam na Ilha das Cobras». . . Seria difficil encontrar censura mais forte e efficaz ao caso da morte dos marinheiros victimas de «insolação» nas masmorras daquella ilha, á qual haviam sido recolhidos como implicados nas revoltas de novembro de 1910.

O principio da autoridade é mais de uma vez pelos caricaturistas considerado antogonicamente opposto ao da liberdade. Angelo Agostini reproduzindo o projecto da estatua da Liberdade que se ostenta no porto de New York, figura uma mulher gigantesca, levantando um facho acceso (o *Pharol da Liberdade*)— e a seus pés, afundando-se nas ondas do porto, tiara e corôa. (Rev. III. 1. VII. 1876.)

São frequentes, na caricatura brasileira, a reproducção de scenas das guerras em que o paiz entrou. Encontram-se reminiscencias da guerra do Paraguay na *Vida Fluminense*, na *Sentinella do Sul*, diario de Porto Alegre, de 1867, e outras.

O *Pandoken*, de 1866, descreve um *Recrutamento à la mode* dizendo: «Recruta-se para o Paraguay e para as eleições; aos primeiros recrutados manda-se morrer á fome; aos segundos dá-se *sinecuras*. Que bello paiz!»

Na *Vida Fluminense* (24. I. 1864) encontram-se tambem reproducções de horriveis scenas desenroladas no Rio Grande do Sul, pela seita dos *Mucker*. O *D. Quixote* (1895) reproduz scenas igualmente tristissimas nesse estado, por occasião da revolta federativa; no nº 47 o Presidente Prudente de Moraes observa, por um enorme oculo de alcance que lhe apresentam D. Quixote e seu escudeiro, os degolamentos de que o Sul tem sido theatro.

## V. — Politica do Exterior

O *Tio Sam* é um dos typos predilectos dos caricaturistas, que se occupam de assumptos internacionaes, entre os quaes avulta Isasi, o artista hespanhol que ha muitos annos trabalha no *Jornal do Brasil* e que parece acompanhar com attenção especial a politica no Extranjeiro. Tambem a Raul devem-se boas paginas no assumpto, como seu «Concerto Pan-Americano». Nos diversos quadros, invariavelmente, o *Tio Sam* e *Melle Doutrina de Monróe* tocam seus trechos de trombone e de flauta, cantam árias, e ao piano acompanham-se um ao outro. Quando, finalmente, em dado momento

levanta-se dentre os espectadores o Brasil, perguntando — «E nós, nada?!» — Tio Sam responde: — «Vocês pagam para a musica...»

Quando, depois da guerra, a Russia e o Japão se estreitam as mãos, Tio Sam reaparece, apresentando-lhes o ramo de oliveira com uma das mãos, emquanto com a outra segura um grosso revolver, que occulta atrás das costas... Em outro desenho de Raul, Tio Sam apresenta a seu pae a Mlle. *Doutrina de Monróe*. Este, diante da filha exclama espantado — «Chi! Como está mudada!...»

A *Vida Fluminense* (1870) transferiu para suas paginas echos criticos da grande guerra franco-alleman. No numero de 11 de Junho apresenta os allemães em fórmãs de collossaes copos de cerveja. *Tableau!* A' mesma guerra se refere tambem o *Mosquito*, em 1871, com uma interessante *charge*: a França soffre violentas dores de dentes, e o Imperador Guilherme diz-lhe: «*E' zimbles! Teixa arrangá esdas tois tendes* (Alsacia e Lorena); *figa loque pom!*» (E' simples: deixa arrancar estes dois dentes; fica logo bôa!)

A alliança anglo-japoneza provocou este commentario de Bambino:

«— Havemos de ser muito amigos.

— E' claro. Brigamos só contra os que não pódem comnosco!»

A *Politica Européa* que agarrou fortemente o pequeno *Marrocos*, indignada volta-se contra o Japão, que da mesma fórma agarrou a pequena *Coreá*, e interroga, num desenho de Raul:

«— Que escandalo é esse?

— Um pouco menor que o teu, velha interesseira» — redargue-lhe o Japão.

Ainda Raul trata de assumpto identico, apresentando Tio Sam tendo ao collo uma criancinha de peito: *Cuba*. A petiza chóra amargamente, porque a mamadeira de leite ali está em sua frente, mas quem o bebe é Tio Sam, que o suga por um tubo de borracha preso ao bocal — e diz a legenda: «— Chóra, que eu mamoo!» *Cuba* chora... e não é para menos!...

Sempre que uma questão internacional qualquer affecte o Brasil, o lapis dos caricaturistas trabalha com *verve* especial: assim foi na questão da *Panther* (J. do Br. 9.XII.1905); nos successos de Ruy Barbosa na Haya (J. do Br. 23. VII. 1907); nos tratados concluidos pelo Barão do Rio Branco, as questões com o Perú, etc. Da mesma maneira se enthusiasmam os caricaturistas quando um filho do Brasil é exaltado no exterior, como Santos Dumont e outros. Miragy (J. do Br. 28. VI. 1903) figura «A coroação de Santos Dumont» por Zephiro e outros *habitantes* dos ares»; e, pouco mais tarde, (J. do Br. 20.IX.1903) seguem-se scenas que dão Santos Dumont como «victima dos photographos.»

## VI. — Finanças — Impostos — Comercio — Industria

E' geralmente conhecido que questões de dinheiro, muitas vezes, destróem as melhores e mais



gratas relações de amizade. A caricatura não pôde deixar de confirmar verdade tão sobejamente conhecida — allíás aliada á repulsa que no sentimento geral das populações sempre se manifesta contrariamente á decretação de impostos novos — e mesmo á cobrança dos actuaes, que em todas as épocas o lapis desenha como formidavelmente excessivos.

«Curvado ao peso da... banha que lhe offerece o Conselho Municipal» marcha penosamente o misero Zé Povo, (que muitas vezes a caricatura irreverente figura como um alquebrado luar) — puxando, a custa do suor do rosto, o carroção dos «impostos, novos monopolios, etc.» que formam o coxim farto sobre que preguiçosamente se deita «o municipio». Os tributos lançados sobre o commercio e sobre a industria revestem proporções de pesos collossaes, esmagadores, a que nada é possível resistir. Nenhuma operação financeira, do governo ou da municipalidade, consegue passar sem commentario mordaz. Ahi temos Raul, que nos desenha uma scena de musica. *Mister Cambio*, genuino typo inglez, com a partitura na mão, péde a D. Finanças, que se acha assentada ao piano: «— Dê lá o *lá* para afinar a voz» — ao que ella replica — «Qual! *Só me metto em dó.*» (pesar ou luto)

«Eterna cantiga» é o titulo de outro desenho sobre o mesmo thema: o presidente Affonso Penna, de pequenissima estatura, acha-se em face de um gigantesco judeu, que lhe diz: — «O paiz, quando quizer emprestado, não faça cerimonia», ao que, em trocadilho feliz, responde o *chefe*: «E' só o que elle *dá: para pedir*».

Mais alegre é uma caricatura publicada quando foi da noticia de que alguns millionarios norte-americanos pretendem empregar no Brasil sua actividade e seus capitaes. Tio Sam (J. do Br. 27. I. 1911) com um couraçado sob o braço direito, e trazendo ás costas um grosso sello («Colonização, navegação directa, remessa de capitaes») vem ao encontro do cabôclo brasileiro, tambem portador de um gordo sacco com a inscripção: «Riquezas naturaes, exportação á farta, iniciativa, tenacidade». Realizasse-se a promessa, e realizar-se-ia talvez tambem a aspiração da legenda: «Com esse toma lá dá cá, ninguem poderá com a nossa vida em todos os continentes!» Até lá, porém, força é convir que ainda falta alguma coisa...

---

### III. — Administração

Exceptuando-se o excellente serviço da instituição dos Bombeiros, aos quaes não poucas vezes os desenhistas traçam verdadeira e bem merecida apothese, raros são os órgãos da administração publica, cujas faltas, reaes ou imaginarias, não sejam por elles glosadas, com o exaggero caracteristico.

#### I. — Correio — Telegrapho — Telephone

Geralmente, nas criticas aos serviços da Repartição dos Correios, as censuras não se dirigem propriamente ao «carteiro» — isto é, ao funcionario encarregado da entrega da correspondencia aos destinatarios; muito pelo contrario, esses modestos empregados são tratados com bastante sympathia, reconhecendo-se os sacrificios que fazem em seu penoso

serviço. (J. do Br. 23. I. 911.) A Repartição tem no entanto de apanhar frequentes bordoadas sem dó nem piedade, especialmente quando se trata de qualquer retardamento na entrega do jornal, que faz a critica, ou quando extravvia cartas ou impressos endereçados á redacção do mesmo jornal. Bambino, por motivo semelhante, apresenta o correio como uma tartaruga que lenta e pacientemente transporta no dorso a correspondencia; e accrescenta o malicioso commentario: «Comparavel em actividade ao correio urbano, só possuímos o telegrapho urbano.» (J. do Br. 16. IV. 911.) No entanto, o nosso serviço postal não é tão máu como o pintam...

O mesmo Bambino parece ter soffrido mais dissabores e feito mais experiencias dolorosas com o telephone, pois mostra-nos a Empresa Telephonica da Capital Federal como uma gorda e commodista senhora, confortavelmente refestelada em uma poltrona, refrescando-se a abanar-se com um leque, e prasenteiramente a rir-se da chuva de reclamações que contra ella desaba, e da vibração irritada dos tympanos de chamada, sem absolutamente dignar-se dar siquer um passo para effectuar as *ligações* pedidas...

Em uma serie de 5 quadrinhos é com justiça estigmatizado o máu uso que, não poucas vezes, se faz do serviço dos telegraphos. Pacato burguez, sentado á mesa, lê, em dias successivos, seguintes telegrammas sobre um desastre de trens; em seu rosto se lhe vêem estampadas as emoções que, de cada vez diversa, a leitura dos despachos lhe desperta:



1º) «Potocól — 5 — O expresso P. C. 8 que daqui partiu hontem á noite, para a cidade de Carapetão, descarrilhou no kilometro 5.780, morrendo mil e tantos passageiros. E' enorme a consternação por esta catastrophe. O governo já providenciou para socorrer as victimas.» — Que desastre horroroso!



2º) Potocól — 6 — Desmentem-se as noticias publicadas nos jornaes dessa Capital sobre o desastre occorrido hontem, na estrada de ferro. Pereceram apenas 10 pessoas e não mil e tantas como foi publicado.» — Ora, ainda bem!... Podia ser peor!



3º) «**Carapetão — 7 —** Pereceu no desastre de Potocól o conhecido e honrado negociante Antonio Giló.» — Que desgraça, meu Deus! Pobre de meu sobrinho! Pobre Totônho!



4º) «**Carapetão — 8 —** O cadaver do pranteado negociante Antonio Giló foi embalsamado e exposto na Matriz desta cidade. Tem sido enorme a romaria dos habitantes, em visita ao corpo.» — Infeliz Totônho! Que grande amigo perdi eu! Que coração nobre e generoso! Pobre Totônho!



5º) «Potocól — 9 — Acaba de chegar a esta cidade o conhecido negociante Antonio Giló, que conseguiu escapar milagrosamente ao descarrilamento do dia 5, do qual dêmos minuciosas informações. Enorme massa de povo e de amigos receberam-n'o no meio de estrondosa ovação.» — Ora, bolas! Qué belleza de serviço telegraphico!

Nesses 5 quadrinhos, o lapis do artista com espirito patenteia um dos mais tristes males da imprensa: a leviandade, e por vezes a malicia, com que na sala de redacção são forjados os telegrammas para determinados fins politicos, antireligiosos, etc. «*Olhos abertos!*» dizem esses quadros ao leitor incauto.

## II. — Illuminação publica— Viação urbana

Por grande e farta que de facto seja como, por exemplo, o é nas principaes arterias da cidade,

a profusão da luz, outras partes ha do Rio de Janeiro, menos aristocraticas, que são um tanto negligenciadas tambem neste particular. Raul, o fino observador e extraordinario artista, apresenta-nos a respeito um carioca precavido, que, á noite, em pleno largo da Lapa, risca e accende um phosphoro para «evitar um esbarro no lampadario jaqueira.»

Outra caricatura faz um cidadão trepar ao alto de um poste de illuminação para vêr si elle está acceso! Em outra, vê-se um vagalume batendo de encontro á caixa de um lampeão a gaz, tentando aggredir a luz lá dentro — que elle pensa ser outro vagalume! E quantas vezes se vêem quadros pittorescos de pessoas que andam pelas ruas, senhoras e cavalheiros, armados de lampeões e lampadas e lanternas, para acertarem com o caminho á noite!

Si os caricaturistas embirram com a illuminação publica, mais ainda, muito mais ainda embirram com o serviço dos bondes que, dizem elles e não é facil desmentil-os, andam sempre lamentavelmente atrasados no horario, e ainda mais lamentavelmente atrasados na limpeza, etc. Em um desenho de Raul (J. do Br. 12. IV. 911) o misero carioca, depois de longamente esperar pelo bonde que o reconduza aos penates, e mais os embrulhos das compras, encosta-se, afinal, a um poste electrico para repouisar os pobres ossos moidos do cansaço da espera. E o bonde... nada! A friagem já vae ganhando as extremidades ao pobre, accordando-lhe o rheumatico... Resignado, começa o triste a cochilar... as aranhas cobrem-n'ó de uma rêde de teias finissimas... brotam e crescem cogumelos, já não apenas no chão, mas pelo



dução característica de um typo de rua em palestra com uma negralhona velha e sua filha:

— «Já vi, *tia* Joanna, que vae se *adeveltir* esta noite. . .

— « Quá! que sou eu! *caco veio!* . . . A *minina*, sim: vou agora para casa pôr-lhe os *papilotes*, porque logo mais ella tem de se vestir de pastorinha.»

Mas a serie é enorme! E o *Judas* em sabado de Alleluia? Raul, fazendo da Politicagem seu Judas, fal-a gostosamente malhar pela rapaziada alegre.

E as noites de S. Antonio, de S. João, de S. Pedro, de Sant'Anna! . . . As danças ao redor das fogueiras. . . os balões polychromos. . . os fogos de salão e de artificio. . . tudo isso, é toda uma serie de costumes e tradições nacionaes que a caricatura registrou e merece ser cuidadosamente guardada.

Abusos, excessos, em todas essas festas, que descambaram para o dominio popular, sempre os houve. E si os houve quando ligadas a commemorações religiosas, quanto se requintam em verdadeiro frenesi bacchico nas carnavalescas!

Antes da época do Carnaval, já com a levianidade *do costume* o Dr. Juizo se aproxima do Zé Povo, e segreda-lhe introduzindo-lhe a *seringa* no ouvido:

— «Tome lá esta seringaço de pandega grossa; assim poderás folgar tres dias gordos, sem ouvir a voz da consciencia. . .» Moral *sui generis!*

O Carioca, cioso de seu carnaval, colloca-o acima de tudo quanto haja nas outras cidades. Raul faz o carnavalesco carioca contemplar deliciado um

chinello velho, em que se vêem *mettidos* (*metter num chinello*, proverbio que significa supplantar, vencer etc.) os *carnavaes* de Berlim, Buenos Ayres, Paris, Nice, Monaco, etc. e com desprezo o carioca exclama: — *Chi!* . . .

Nos dias de carnaval são quasi sempre (antigamente eram sempre) representados os chefes de Estado e seus ministros, em charges por vezes demasiadamente fortes.

O amor de todo brasileiro á oratoria, o seu incontestavel talento para a arte rhetorica, é thema de que frequentemente se occupam os caricaturistas. «Recitativos» com o seu acompanhamento do piano, conferencias literarias, discursos politicos, meetings... nada falta.

Raul, em 4 interessantes desenhos, descreve o effeito de uma poesia recitada em tempo de secca:

POETA — Madrugada. A cidade, ao primeiro bocejo  
Sente tombar do céo, como uma prece,  
[o aljófar.  
A agua, a jorros, sacia a multidão sedenta. . .

CÔRO GERAL — Ora, vá mentir *p'ra* longe, *seu* coisa! . . .

«Scenas da vida carioca» que tratam de *crendices populares* (J. do Br. 17. VI. 1906), de *cacetes*, (J. do Br. 22. IV. 906), *musicata carioca* (J. do Br. 28. VI. 906), *As crianças e seus vicios* (J. do Br. 7. XI. 909) — e outras semelhantes, da Capital e do Interior, são observadas com muito espirito. O mesmo se pode dizer de outros costumes, co-

mo, por exemplo, da *mania das conferencias* (J. do Br. 20. X. 907). Num desenho, (J. do Br. 14. IX. 908) encontra-se o possante vaso de guerra *Minas Geraes* protegido contra *máus olhados*...

A celebre «virtude nacional» da paciencia («deixa andar»... «tem tempo»... «isso tambem não vae a matar»... «deixa para amanha»... etc. etc. etc..) muitas vezes fornece assumpto para scenas chistosas. Um joven apresenta um requerimento em uma reparição; a resposta, dahi por diante, lhe é sempre a mesma: «amanhan» — até que vem elle obter o despacho, mas, já então, velhinho e alquebrado pela idade... Troça semelhante (J. do Br. 20. XI. 909.) a de um pobre coitado que pede uma ligação telephonica: emquanto espera, chega a lhe crescer visivelmente a barba!

O vicio da avareza para com os mortos é estigmatizado por Angelo Agostini na *Revista Illustrada* de 14. IV. 1876. Ao som da trombeta do Juizo Final surgem de toda parte os mortos, bem vestidos, homens, mulheres, sacerdotes, etc. Apenas um, para grande confusão vergonhosa sua, e gaudio dos outros que para elle apoutam, apresenta-se... em *fraldas de camisa*.

Raul (J. do Br. 30. I. 911), em um bem feito desenho — «Historia antiga» — denuncia a falsificação do leite.

Tambem dos caricaturistas não é esquecida a intemperança. O mesmo Raul nos apresenta um *chuva* (ébrio) apoiando-se a um poste electrico, ao mesmo tempo que apostropha um automovel que passa célere: «Como é que aquella carangueijola pode

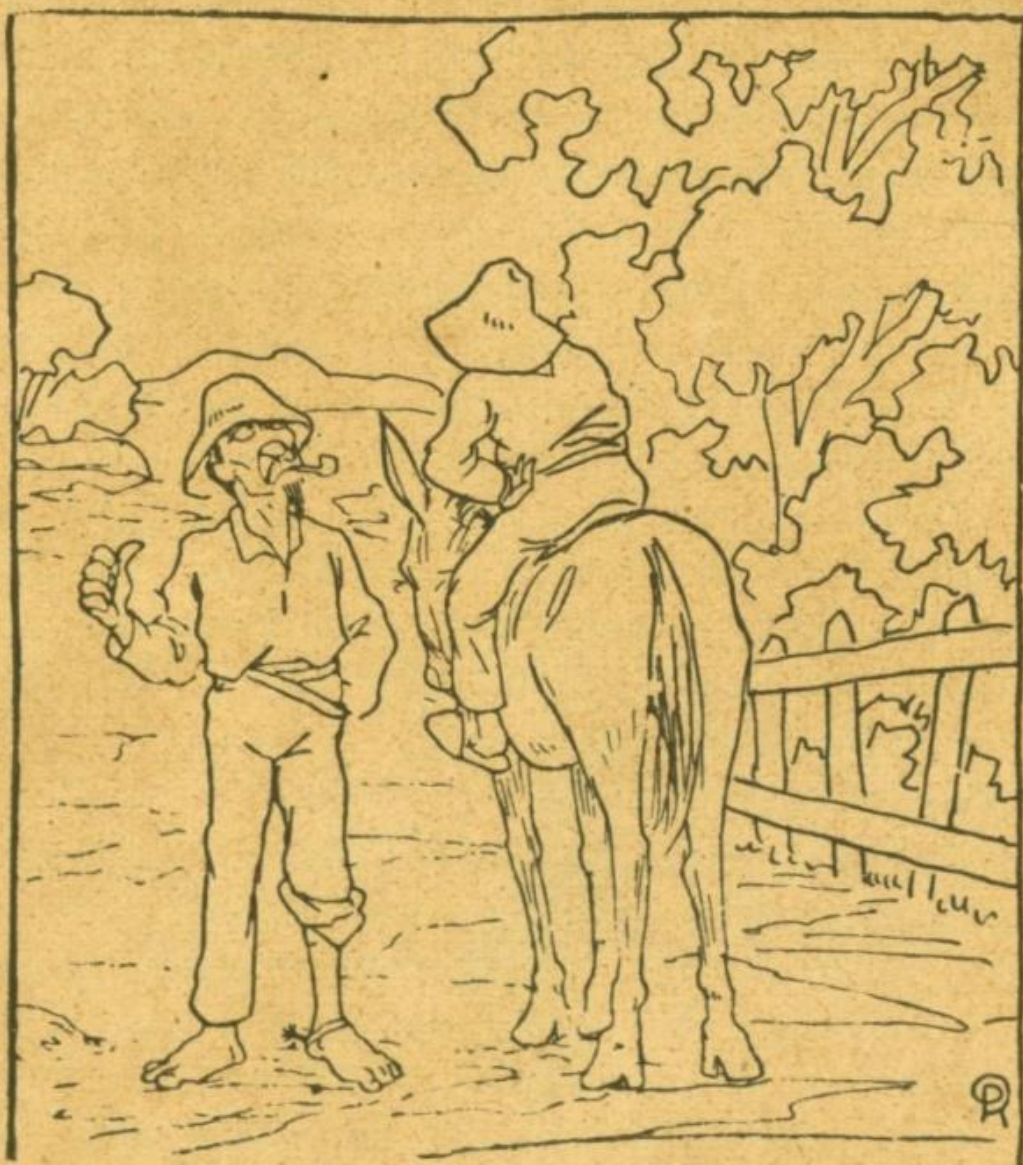
andar com alcool, e eu com elle nem posso ficar a prumo?» —

Deixemos o «chuva» reflectir sobre a solução do intrincado problema, e vejamos outro, de Bambino: «A lei contra o Alcool». Dois sujeitos, á mesa, tocam os copos cheios de cerveja espumante, e saúdam-se alegremente: — «*A' saude da temperança!*»

A Musica sempre tem sido apreciada no Brasil de modo especial. Já em 29 de Janeiro de 1876, Angelo Agostini descreveu na *Revista Illustrada* os effeitos prodigiosos da «*Missa de Requiem* de Verdi» executada no Cassino Fluminense, e que, segundo elle, era «a musica da moda hoje no paraizo, tanto que» — no Paraizo, «quem lá fôr sem ter ouvido o Requiem será repellido com toda a energia (isto é — um formidavel ponta-pé) pelo sr. S. Pedro», — «e o inferno se encherá de todos aquelles que, indifferentes á bella musica, se entregaram aos horrores do *Vem cá, Bitu* e do *Quê dê a chave que te dei para guardar?*»

Bambino figura uma scena de antecamara: «Candidatos e pretendentes que esperam falar um minuto a uma Excellencia qualquer»...

*O Albor* inseriu um delicioso desenho intitulado «os caminhos da roça» no qual, com muita verdade, o Raul Perderneiras glosa as por vezes enormes distancias que os sertanejos se vêem forçados a palmilhar e que, no entanto, para elles não parecem ser nada.



— A casa do sr. Chico Manguary?

— E' muito pertinho: você vae andando, andando, dobra á esquerda, continua a andar, andar, até o dia seguinte de manhan; nesse dia, á noite, pergunte o resto do caminho a outro...

## II. — Familia e Lar

O honrado chefe de familia das plagas europeas consolar-se-á sabendo que não é elle só quem

se ha de sujeitar ao duro mister de páu para toda obra. Bambino lhe mostra o confrade brasileiro carregadinho de malas e embrulhos innumeros, na faina de levar um pouco de alegria aos seus em tempo de festas. *Cá e lá más fadas ha...*

Luiz nos pinta uma sahida a passeio no domingo, com todas as suas interessantes peripecias, atropelos, perdas de bonds e... volta a pé.

Raul descreve os efeitos do *Boato* em tempos de revolução (J. do Br. 18. XII. 910) num casal que, por precaução, tranca a porta com sarrafos e á laia de barricada, a protegel-a amontôa camas e colxões, commoda, bahú, tudô que encontra, e se esconde atraz de tudo isso.

Más, vamos por ordem.

No Brasil como em toda parte, o *pimpolho* é o orgulho da mãe feliz, que, num desenho do *Jornal do Brasil* diz satisfeita ao marido, mostrando-lhe a criança: «Vê bem, Manduca, vê bem que é o teu retrato... Até, não tem dentes!»

Outro casal (desenho de Bambino) fala sobre o futuro de seu «travesso»:

— «Está cada vez mais vadio o Juquinha! Não sei que vae ser esse estafermo!»

— Deputado ou intendente, ora essa!..

### III: — Civilização Moderna — Calor

Isasi (J. do Br. 11. III. 1900) figura uma impressão bem apanhada da cinematographia: um comboio na tela se precipita com tão vertiginosa e

apparente realidade que os espectadores desabalam-se a correr espavoridos e ainda mais vertiginosamente...

A navegação aérea fornece assumptos sempre novos, principalmente em «fantasias do futuro». (J. do Br. 10. X. 909).

O calor, muitas vezes, inspirou paginas engraçadas: «Uff! Parece que vae fazer calor!» — faz Bambiño exclamar a um sujeito a quem o suor cae em bagas! Raul chega a nos apresentar um outro, mas completamente derretido pela canicula.



— Uê! Cá dê o «home»?

— «Que é isso? Você trata sómente do continente e não cuida do conteúdo?»

Os incommodos que a moderna civilização póde trazer aos que lhe não estão acostumados, foram engraçadamente descriptos pelo lapis de Raul em sua obra de grande folego: «*Seu Chico Pindóba — Aventuras de um fazendeiro de Pindurassaya*» — em 2 partes, publicadas ambas no *Journal do Brasil*. A primeira parte foi tambem editada em volume.

Tambem o Theatro inspirou muitas caricaturas. Segundo Raul, Arthur Azevedo e outros theatrologos perguntam ao Dr. Pereira Passos, constructor do carissimo Theatro Municipal:

---

O fazendeiro resolve-se a visitar, em companhia da mulher e da filha, a Exposição Nacional do Rio, mas não conta com as peripecias da viagem: perda de trem, prisão, marchas a cavallo, viagens em bicycletes, em auto, — até em balão! Não fosse o robustissimo cabôclo Sigurahy, que delle se compadece e o livra de apuros, prisões, malandrões e tudo, — e o digno fazendeiro Pindóba nem conseguiria escapar vivo da aventura. Suas mulher e filha conseguiram visitar a Exposição, mas quando Chico Pindóba e Sigurahy afinal chegam ao Rio e pelo grande certamen indagam, ouvem a resposta desconso-lante: « Já está fechada; agora, só para o outro centenario... »

Não é menos difficil a volta á fazenda. Finalmente, porém, tudo acaba bem, casando-se então o cabôclo Sigurahy com a Fifina, filha do Chico Pindóba.

---



## VI. — A questão social

Onde ha uma sociedade, ha forçosamente uma questão social — embora esta, no Brasil, paiz novo, não haja ainda assumido as proporções a que attingiu nos principaes paizes da Europa, sobretudo no que se refere ás condições do operariado.

### I. — A Escravidão

A «Lei Aurea» de 13 de Maio de 1888, transformou essencialmente entre nós as condições sociaes, dando golpe de morte na escravidão dos negros no Brasil, assumpto queridissimo dos pinta-monos, dos quaes alguns, e em particular Angelo Agostini, concorreram vantajosamente para a realização desse almejado desideratum, motivo por que são collocados ao lado dos mais esforçados lutadores da grande causa da abolição do captiveiro dos negros do Brasil.

Por outro lado, porém, não se deve menosprezar o que diz o *Diario de Noticias* de 9 de Maio de 1911. «Agostini foi abolicionista como toda a gente contemporanea. A abolição deu-lhe assumpto constante porque, sendo o assumpto em voga, tinha mais do que todos o condão da popularidade facil.» Angelo Agostini foi de uma *veia* inexgotavel na pintura dos horrores da escravidão. Um desses seus desenhos produziu mesmo verdadeiro successo; representa um voluntario da guerra do Paraguay que, coberto de louros, depois de sacrificios ingentes, ao pizar de volta a «fazenda» — sua terra natal — encontra a propria mãe amarrada a um «tronco» e barbaramente chicoteada — quando vinha elle ancioso por cobril-a de affagos e beijos!... Ao lado, indifferente, em hedionda impassibilidade, o feróz e cruel escravocrata... Pensa-se, a cada momento, ver contra os algozes precipitar-se o denodado guerreiro, a vingar sua mãe desgraçada... ou vel-o cair, succumbido ao peso do desespero amargo... E' esta, sem duvida, uma das primeiras sinão a primeira de todas as paginas pelo caricaturista publicadas contra a chaga dolorosissima da escravidão no Brasil.

Em lembrança da celebre lei de 28 de Setembro de 1872, *O Mosquito* publicou, um anno depois, uma apotheose ao presidente dos Ministros, imitando a celebre *Assumpção* de Murillo, e apresentando o Ministro, em sua viagem ao céu da gloria, rodeado de uma legião de anjinhos pretos. Em baixo vêem-se á esquerda os fazendeiros em desespero, pela falta de braços, e, á direita, as negras em alegre dança. O quadro traz estes dizeres: «*Mosq.* — O



collega que é mestre em apotheoses, que tal acha esta?

*D. Sem.<sup>a</sup>* Acho pom; Focê bassou-me a berna; até sou gabaz de agredidar que focê tambem come pola.»

## II. — As classes operarias

No *Jornal do Brasil*, a 1 de Maio, Raul commemora a festa do trabalho com um desenho que provocará francos applausos do socialismo: o homem de fortuna, o rico, commodamente sentado em uma poltrona, em *dolce far niente* — e, em doloroso confronto, operarios a trabalharem ao suor do seu rosto... Nem tanto ao mar, porém, nem tanto á terra! A desigualdade de condição e de fortuna não desapparecerá da face do mundo enquanto não desapparecer da competencia mundial a do talento e da applicação. O operario que, á força de trabalhos continuos e reiterados esforços, auxiliado pela «bôa fortuna» se tornar amanha abastado, merecerá, *ipso facto*, o odio, ou pelo menos a guerra de seus antigos companheiros?

No entanto, é força dizer que o caricaturista brasileiro tem uma missão social a cumprir — e essa, por não haver ainda entre nós uma legislação apropiadamente social, que cuide dos interesses dos desamparados da «sorte»; tudo, ou quasi tudo falta, aqui, do que muito melhorou as condições, por exemplo, do operariado na Inglaterra, na Allemanha, etc.

Rarissimo é que os nossos pinta-monos encontrem algo de agradável no problema operario. Assim é que, ao tratar-se da installação projectada de uma «villa operaria» em Maio de 1911, Bambino figura um operario que exclama, ao ver aproximarem-se, ao som da musica, o presidente da Republica e seu sequito: «Sonho ou realidade? Si é sonho, não me despertem...»

«A' espera da vez» (J. do Br. 11. XI. 04.) com a explicação: *A gente tambem sabe vaccinar* — constitue infelizmente um incitamento á rebellião; a glorificação do povo, por ter assaltado um bonde, (J. do Br. 23. VI. 901) — desenho de Bambino, igualmente não abona os principios christãos que o caricaturista deveria cultivar em um jornal que acreditam catholico.

A' observação, e por vezes á critica dos nossos artistas não escapa a questão socialista que se desenvolve e aggrava em outros paizes. Angelo Agostini, (Rev. Ill. 17. VIII. 1878) apresenta o desenvolvimento assustador do socialismo na Allemanha, pelo que Bismarck, amedrontado, corre a beijar os pés a Leão XIII... Ainda ahi o anticlericalismo lamentavel de Agostini se revela: Bismarck, transformado em um rafeiro, é atizado pelo Papa, contra a Italia, e Leão XIII, com o Chanceller de Ferro, pouco adiante são figurados subjugando a Allemanha...

Julião Machado, n' *OPaiz* (26. IV. 911), lembra-se de tratar do caso do serviço domestico, e apresenta uma «dona de casa» em interessante palestra com a nova criada:

— «Sabe cosinhar?»

— Cosinhar? Deus me livre!

— E lavar?

— Não me ageito, porque sou muito fraco do peito.

— Então, quaes são os seus serviços que de-seja prestar?

— Olhe, minha senhora, posso arrumar a sala de visitas duas vezes por semana, e, si quizer, posso acompanhar a senhora ao theatro, ou ao passeio, mas já vou dizendo: só si fôr de carruagem ou de automovel, porque me faz muito mal andar de bonde... »

### III. — A desigualdade de sorte

Em quatro quadros, Raul denuncia como essa desigualdade nos proprios cumprimentos se manifesta. Um cidadão, regularmente vestido, nem siquer corresponde ao cumprimento respeitoso de um pobre diabo qualquer; para com um collega, tem apenas um gesto ligeiro; uma senhora que passa, consegue fazel-o tirar o chapéu; um capitalista (ou um deputado?) porem, é pelo mesmo individuo saudado com a mais rasgada, amavel e humilde das reverencias...

E' assim mesmo...

Dois varredores de rua, figurados pelo lapis de Raul, bordam commentarios sobre o mesmissimo thema:

— « Isso de *charrete-vasculho* é muito bom, mais descansado, mas só serve para varrer as ruas privilegiadas...

— « Até no lixo ha luxo! »

Um criminoso, — pobre, — trancafiado no xadrez policial, reflecte sobre a impunidade que favorece os criminosos abastados, meditação que lhe arranca um doloroso :

— « E os de casaca? »

A mendicidade excessiva, que publicamente se estadeia nas ruas e praças, nas portas das egrejas e dos theatros, por toda parte emfim, offerece margem a bons trabalhos do pinta-monos.

Raul reproduz um « instantaneo authenticico » — apanhado em um arrabalde do Rio : um pobre cego, com o classico cachorro ao lado, arranca tons plangentes a uma clarineta, para despertar os sentimentos de compaixão no publico; vem-lhe a frente um garoto de calças rotas, que o adverte:

— « Qual! Com isso você não consegue nada aqui... Pode tocar a valsa *Esperança Perdida*... »

O *Tagarella*, do Rio de Janeiro, consagra diversas paginas aos famintos do Norte. Na « Terra madrasta », a morte está ceifando os governados famintos, enquanto os governantes, assentados em lauto festim, brindam bebendo a saude uns dos outros!...

Ah! muitos mais lutam com as tristes consequencias da pobreza! Luiz faz o Zé Povo faminto sentar-se á mesa vasia, na quaresma : « Jejum?!... Si eu não faço outra coisa durante todo o anno! »

A este capitulo pertence referir a difficuldade que ha em achar casa decente e menos cara nos centros populosos do paiz. Raul desenha um senhorio que mostra a um casal (ella em *saia-cueca*) os commodos de uma casa:

— « E aqui neste cantinho temos nós o chuveiro ... »

— « E não ha banheira? »

— « Para que esse luxo em uma casa para pequena familia? »

Ainda a desigualdade no tratamento até de criminosos é glosada pelo lapis de Raul, que faz um pobre diabo recolhido ao xilindró exclamar:

— « Preso por ter furtado um abacate! Por que cargas dagua não commetti eu um desfalque? » Mordaz, mas justo ...

Outro desenho, esse de Bambino, é mais innocente e pilherico. Uns typos de rua conversam jovialmente:

— « Não ha nada como accordar demanhan, tocar a campainha para chamar o criado ... »

— « Que luxo! já tens destas coisas? »

— « Por ora, só tenho a campainha. »

E ainda esta: um sujeito seguindo um fumante janota, exclama: « Ha meia hora que estou esperando a ponta deste charuto, e nada! »

Raul faz um veterano dizer, diante de um fedelho ainda de mammadeira e já fardado de elevada patente militar: « Já os fedelhos das escolas mettem-se em funduras! Daqui a annos, todos nascem soldados ... salvo seja! »

De triste realidade é uma pagina do grande desenhista norte-americano Gibson (« Life », New-York), reproduzida na *Tagarella*, do Rio de Janeiro (21-I-1904): em vasto salão esses cavalheiros de sociedade rodeiam uma velha ricaça, cobrindo-a de atencões e lisongeando á sua *formosura*, em



que não acreditam e que em outra cousa não consiste, sinão em seu dinheiro; a direita, porem, sósinha está assentada uma joven de real formosura mas sem os adornos e perolas da riqueza, olhando espantada para as cadeiras vacias a seu lado...

#### IV. — Feminismo — Modas

Inesgotavel assumpto, e sempre de palpitante actualidade!

Em pagina deliciosa, figurando 8 scenas futuras, Raul descreve a evolução progressiva do feminismo. No passeio domingueiro, a mulher, em *jupes-culotte*, vae seguida do marido que se vê forçado a carregar o pimpolho do casal, e a mammadeira na bolsa. A segunda scena representa um pedido de casamento, feito por uma senhorita em trages modernos a um mocinho timido e recatado... Segue-se uma scena de madrugada, em que o marido, indignado, interroga á consorte, que lhe chega de bengala, charuto á bocca e chapeu claque: « Isso é hora de entrar em casa? » O papel desde eras antigas confiado á sogra, passa naturalmente ao sogro; como até mesmo no Café-concerto, a bailarina é substituida por um marmanjo a pinotear o *cake-walk* enquanto ás mesas, a encherem-se de chopps, vêem-se exclusivamente senhoras. Na 6.<sup>a</sup> scena, uma senhora faz-se « salteador » exigindo « A bolsa ou a vida! » — ao que lhe responde um typo: « Oh! senhora! não abuse assim do sexo fraco! » Até o papel do ridiculo

conquistador de rua se transfere para as mulheres, que, no ultimo quadro, corôa de todo o progresso, apresentam uma «*Deputada*» em saia-calção e portadora de um «projecto de lei contra o celibato.»

As modas são especialmente tratadas em muitos desenhos. Um, intitulado *O coração feminino*, em dois quadros, poderia exercer influencia salutar si devidamente fosse tomado em consideração. No primeiro, *de manhan*, a mãe admoesta o filhinho: «Si você continua a fazer maldades aos passarinhos, arranco-lhe as orelhas!» — No segundo, *de tarde*, a mesma senhora vae a passeio com o petiz, que, desconfiado, olha para o chapéo da mamãe onde lindo passaro se ostenta! E a mãe, esquecida da scena da manhan: «Estão todos encantados com meu chapéo!»

Apologista (ou não?) das saias-cuecas, um pinta-monos mostra as vantagens da moda contra os galanteadores de esquina» — e está ella em que permite á senhora applicar ao atrevido D. Juan um formidavel ponta-pé em regra, que o faz ver estrellas ao meio-dia.

Previendo a victoria para daqui a alguns annos, — ai! que illusão! — das *jupes-culotte*, Raul reproduz a palestra de dois cavalheiros que admiram enorme ajuntamento de homens:

— «Que ajuntamento é esse? Algum sarilho?

— «Não: é uma mulher que se atreve a sahir á rua de saias!»

A moda dos chapéos de proporções archicollossaes, e o «grande trambolho» (J. do Br. 30.IV.108) que no theatro impede a vista da scena aos especta-

dores, não podia escapar á satyra dos caricaturistas. A da saia-balão deu tambem assumpto para bôas charges, em tempos que ha muito já se foram, como por exemplo á *Pacotilha*, de 1866, e outros. Nos ns. 98 e 99, da *Semana Illustrada*, (1863), H. Fleiuss, um dos nossos maiores caricaturistas, descreve a «vida de uma moça da moda» acompanhando os quadros de muitas estrophes, das quaes a seguinte é a ultima:

«E' pretexto a religião,  
Fingimento a devoção,  
E a missa uma occasião  
P'r'os namoros da vaidosa;

Moços! fugi da esparrela!  
E' um demonio a tal *bella*,  
Fugi dos encantos della,  
Que espinha muito esta rosa!»

Por honra do sexo feminino, lembremos-nos do costumado exaggero dos caricaturistas, mesmo naquella época longinqua...

Coitada tambem da frivola adoradora das modas, que, com pasmado susto, vê desapparecer no tinteiro do jornalista a ultima *jupe-culotte*!

De vez em quando, os caricaturistas mettem hombros a problemas mais serios, taes como a educação physica, moral e espirital. Assim Raul reclama em desenho apropriado: «Não afoguem tanto as meninas com recitativos em francez, e outras prebendas semelhantes; não azucrinem tanto os ouvidos, longas horas curvadas ao piano, — e em vez desses esguios cogumelos (é muito sem ceremonias com as senhoras!) que prophetizam uma descendencia esga-

---

niçada, doentia e chinfrim: Ao Remo! Em exercicios methodicos, em horas proprias, escancarando os pulmões...»

## V. — Empregados — Gréve

E' queixa infelizmente frequente e fundada, a da falta de pontualidade no pagamento aos que trabalham. Bambino, por isso, em allegoria apresenta os: «operarios das officinas de alfaiate e costuras do Arsenal de Guerra, que estão *apitando* desde o mez de Setembro. Estão ahi, estão perdendo... o folego...» (J. do Br. 21.I.1911). Oxalá a caricatura consiga o que muitos pedidos e reclamações não conseguiram!

Ainda que não com o ardor e as tristes consequencias observadas na Europa, mais de uma vez já foi o Brasil scenario de gréves. O serviço publico, — e com elle todo o povo —, não deve ser prejudicado, e, por isso, mais de uma vez, têm os bombeiros de prestar auxilios, e Bambino apresenta um que, vendo o collega a servir como cocheiro em uma gréve, queixa-se com azedume: «Quando deixarei de ser páu para toda obra?»

---

## VII. — A Religião

A arma ferina dos calungas, que em outros paizes é manejada em ataques contra a Religião e poucas vezes em sua defesa, na Terra de Santa Cruz não teve emprego diverso desde a *Revista Illustrada* até *O Malho* e outros, havendo, ás vezes, verdadeiras blasphemias nos jornaes illustrados.

### I. — Moralidade publica

Graves offensas á moral não são felizmente muito frequentes na caricatura brasileira; ainda assim, de vez em quando notam-se lamentaveis *lapsus* não pequenos, sobre tudo na reproducção ou ridicularização de exposições de arte, que costumam de ha muito ser registradas pelos desenhistas. Angelo Agostini, ha uns tres decennios, (propositalmente deixamos de citar a fonte exacta) foi muito livre, exces-

sivamente mesmo, em voluptuosas nudezas que denominou «scenas do paraíso de Mahometh» — e ás quaes accrescentou cynicamente: «não podemos de todo pintar ao vivo, para não excitar os nossos assignantes a mahomecathequizarem-se.»

Medidas para o saneamento moral de certas ruas, mais de uma vez, e até por folhas que se presam, têm sido postas em ridiculo, como si não tivessem a sociedade e o paiz o maximo interesse na repressão da immoralidade. Julião Machado tratou, no *Jornal do Brasil*, de um assumpto serio que preferiríamos não ver tratado com todas as particularidades, nos jornaes, ou então com a seriedade que lhe convem por suas consequencias: o malthusianismo, a «arte de destruir a vida.» Em quadros seguidos mostra o homem do tempo das cavernas, que mata; o alcool que, desde o tempo de Noé, promove a degenerescencia humana; Archimedes que, pela sciencia, ensina a matar; Schwarz, o descobridor da polvora destruidora; a edade media queimando as bruxas e feiticeiras; Guilhotin e a machina de seu nome; Napoleão, que sacrificou exercitos inteiros; Krupp, o rei dos canhões assassinos; John, o inventor das terribes *dum-dum*; e, cumulo de tudo isso, o Dr. Abel Parente e seu famigerado invento. E' duro, é doloroso, mas faz reflectir amargamente os que amam ainda a sua patria...

Não abona a verdade e a moralidade C. Miragy, (J. do Br. 1.X. 902) quando glorifica Zola em uma apotheose que intitula «A Verdade ao mais corajoso de seus amigos.»

N'A *Bruxa*, de Julião Machado e Olavo Bilac,

egualmente se expõem ao ridiculo as medidas de «rehabilitação da Rua do Senhor dos Passos» — e ostentam-se nudezas que offendem.

Diversas revistas caricatas, do Rio e de alguns Estados, são directamente consagradas ao culto da immoralidade, pelo que a ellas nem nos referimos.

## II. — Culto de Deus e dos Santos

O examinador attento de quanto no Brasil se tem publicado em caricatura, de quando em quando encontra desenhos altamente inconvenientes, embora não especialmente vizando ferir susceptibilidades. Assim, Julião Machado figura o Dr. Campos Salles como rei mago, adorando o Dr. Rodrigues Alves figurado como o Menino Jesus no colo da Republica (J. do Br. 7. I. 902) e em outro desenho (J. do Br. 2. VII. 902) o Dr. R. Alves apparece como Christo no Jordão, baptizado pelo Dr. Campos Salles «nas aguas do congresso.»

Vê-se que o artista não pretendeu zombar da Religião, mas sim pilheriar com certos casos politicos, — o que, aliás, não justifica a desrespeitosa leviandade do desenho. Frequentes vezes se notam reproducções de Santos (S. Sebastião, S. João, e outros) procurando-se armar ao espirito, mas á força de desrespeito religioso. (*D. Quichote*, anno III. n. 97 e outros).

Infelizmente, porém, muitos e muitos casos ha em que o lapis procura directamente ferir os senti-

mentos religiosos, e até offender o Autor de todo o talento e illustração. Assim, a *Revista Illustrada* de 1876 contem insultos baixos e ousados contra Lourdes, cujos milagres Angelo Agostini procura *explicar* como astucias de padres interesseiros que teriam *inventado* a aparição de Nossa Senhora, a cura de doentes *que nunca o foram*, e a entrada de Bernadette em um convento para que não pudesse ella trahir a... *verdade* — e tudo isso, pela sêde do ouro.

Felizmente para os fóros religiosos da Capital a impressão causada por esses insultos foi tal que a sociedade fluminense promoveu actos solemnes de desaggravo a Nossa Senhora de Lourdes, — o que, aliás, ainda deu ensejo a novos insultos de Agostini (14. X. 1876). Ainda em 9 de Setembro do mesmo anno apparecem desenhos que vizam ridicularizar a crença nas penas do Purgatorio. Na *Vida Fluminense* de 6 de Novembro de 1869, encontram-se caricaturas referentes a uma carta de um frei Jacintho, endereçada ao Geral dos Carmelitas em Roma, protestando contra doutrinas e «praticas romanas que não são christans» o que tem todo o apoio do pintamonos que, em outro desenho, mostra o *efeito produzido* pela tal carta no Vaticano: o de uma bomba. Isto em 1869. *Portæ inferi...*

Não é de admirar que a mesma revista, em 1874, glorifique a perseguição religiosa na Allemanha, conhecida sob o nome de *Kulturkampf*. O contrario vemos na *Lanterna Magica*, de Taubaté (S. Paulo), que em 1867, em desenhos aliás mal feitos, defende o catholicismo contra o protes-



tantismo, felicitando os taubatéenses pela guerra que moveram ao pastor protestante «Conceição em companhia de um americano.»

Angelo Agostini (Rev. Ill. 23. VII. 1881), em uma pagina inteira, zomba da pratica essencialmente catholica dos exercicios espirituaes do clero. Segundo o artista, não ha para o Padre cousa mais aborrecida — mas váe ainda alem. Figura um Padre ao confessar-se: « Si pensas que vou contar-te minha vida... não vê que eu caio nessa! » O ultimo quadro da serie é ainda mais offensivo e immoral.

Julião Machado, n' *O Paiz*, (7—IV.—911) sob o titulo « O Commercio da Fé, » faz uma comparação injustissima e maliciosa entre o Sacerdote que propaga quadros de Santos, rosarios e o escapulario — e a bruxa com seus feitiços, — dizendo-os concorrentes! Pena é que esse mesmo *O Paiz* nem sempre se lembre da « reflexão de um faccinora » preso, que inseriu com a respectiva caricatura a 20 de março de 1911: « Triste sorte a minha! Porque não me fiz jornalista? A lei que condemna o que esfaqueia o seu proximo, protege a liberdade de quem sabe envenenar a reputação de familias inteiras com a tinta de impressão. Porque não me fiz jornalista? Estava hoje livre, opulento e temido! »

O *Don Quixote*, de Angelo Agostini, fundado a 25 de Janeiro de 1895, em seus numeros 67 e 68 (II anno) faz propaganda do divorcio, dizendo que o casamento liga os conjuges no amor com uma cadêa leve e fina, quando permittido o divorcio, e, no caso contrario, com uma corrente pesada e grossa.

A escola christan tem sido mais de uma vez guerreada pelos caricaturistas. Agostini, na *Revista Illustrada* (n.º 282, anno de 1882) publica um programma de ensino no qual é tudo dado como facultativo — menos o ensino do catecismo.

### III. — Egreja e Sacerdocio

Algumas publicações caricatas ha, que procuram não melindrar os sentimentos religiosos de seus leitores; outras porém...

Absolutamente não queremos dizer que a caricatura não deva nunca estigmatizar os abusos que se possam dar, em materia de religião. Pelo contrario, tratando-se de abuso real, póde ella até tornar-se meritoria. Tampouco, não queremos melindrar-nos com alguma censura pouco delicada, mas justa na essencia — como a de Anglo Agostini, na *Revista Illustrada*, (12-II-1876) feita á musica sacra comparando-a aos bellos effeitos da deliciosa Missa de Requiem de Verdi, pouco antes executada com ruído successo: « Já ninguem póde aturar as cantorias dos conegos. Todos aquelles que ouviram a missa de Verdi, fugiram espavoridos.»

Já bem mais forte e ousado é outro desenho que apresenta uma cantora, com vestes sacerdotaes (!) no altar (Rev. Ill. 12.II.1876), com a legenda: « Outro genero de musica religiosa. M.<sup>me</sup> Henri, do Alcazar, será contratada pela irmandade da Lapa dos Mercadores, para cantar na missa a *Fille de M.<sup>me</sup>*

*Angot* com acompanhamento de sinos» — este ultimo, no desenho, executado pelo sacristão! Si, realmente, houve abusos, em considerar-se a celebração da santa missa como meio de enriquecer, a *Lanterna Magica*, de Taubaté (1867) profliga-o no desenho — aliás pouco artistico como todos os mais dessa revista: «milagres da Aparecida» — em que um padre, a principio magro e pobre, volta gordo e forte depois de 3 annos no santuario.

Em seu combate á s. Egreja, a *Revista Illustrada* foi secundada pel' *O Mosquito*, do Rio de Janeiro, que, sobretudo no tempo da celebre «questão religiosa» (1873 ss.) foi de uma violencia e injustiça revoltantes. Quando o governo brasileiro entrou, finalmente, em accordo com a Santa Sé, *O Mosquito* publicou uma pagina intitlada «O beijo de Judas», na qual a *innocente* maçonaria (!) em roupa branca, fazia o papel de Jesus (!), preso pelos frades, e o presidente do ministerio o de Judas!

A pessoa do Vigario de Christo na terra não é poupada. Borgomainerio, na phrase de Agostini *o mais eminente artista que tem vindo ao Brasil*, representa o Papa como «o organista mór do universo» assentado com a mitra, ao organ, cujos tubos terminam em cabeças de burro. E' muita *cortezia* para com os habitantes do Brasil, catholicos em sua quasi totalidade! Um Padre gordo — o valente redactor d' *O Apostolo* — é representado tocando os folles. Angelo Agostini (*Vida Fluminense*, 16. IV. 1870) apresenta calumniosamente como scenas de «carnaval em Roma» nada menos que Bispos dançando o cancan com mulheres! E, em outro logar

(Rev. Ill. n. 324, de 1882) não pode o artista deixar de render preito a Pombal... O *Zigue-Zigue* de 1868, não se pode privar de investir contra o Papado; num quadro, intitulado «grande rôlo no Vaticano», faz apparecer o demonio á espera da alma do Vigario de Christo na terra, com a legenda idiota: «Reclama-se com insistencia a alma do ultimo (sic!) Papa.» A *Republica das Moças* (1879) e o *Bohemio*, de S. Paulo, são positivamente anti-clericaes, chegando o ultimo a inserir repugnantes blasphemias.

Na questão frei Vidal, os ataques a S. S. o Papa recrudesceram. Angelo Agostini sobre seus collegas sobresauiu, pela violencia e insolencia de seus ataques, sempre injustos e que no espirito publico produziram felizmente repulsa immediata. E não só contra o Papa, mas contra os Bispos e os Cardeaes se requintou, principalmente nessa época, o fel offensivo da penna de Agostini.

A velha aria do realejo anti-clerical que sustenta o antagonismo entre a Sciencia e a Religião, não é despresada, procurando a caricatura irreverente em opposição á verdade, negar que justamente a Igreja, em todos os seculos, sobre tudo se evidenciou como o fóco irradiante da instrucção, a mais decidida e assidua promotora das sciencias e das bellas artes. Angelo especialmente, em seu furor anti-clerical, durante quasi toda sua longa vida tomou a frente dessa campanha diffamadora e calumniosa do lapis contra a Igreja.

Aos Padres estrangeiros já o mesmo artista na *Vida Fluminense* (9. X. 1869) atacava, accusando-

os de gananciosos e hypocritas. A velha aria... E essa campanha cruel, injusta, e digamos logo, infame, extendia-se por numeros seguidos da revista, recheiadas de parvoices e blasphemias indignas! Dispensamos-nos da transcripção de tanta baixeza — a que deploravelmente desceram certos artistas, aliás de talento algumas vezes, e com elles os que lhes acoroçoavam a vesania, com o auxilio do pagamento das assignaturas de seus pasquins abjectos!

Os esforços de Dom Frei Vidal para dar a paz á Egreja do Brasil, foram mal interpretados: na *Vida Fluminense* de 11.XII.1875, o sempre o mesmo Agostini representa o Papa como uma enorme aranha, que em sua teia pretende enleiar o Brasil — pobre moscasiinha!

Essa luta contra a santa Egreja é de todos os tempos. O *Cabrião*, fundado em 1866 em S. Paulo, (*Typ. Imparcial*) desde o seu primeiro numero claramente denuncia sua orientação (ou desorientação) anti-clerical, e exhuma a calumniosa invenção das «instrucções secretas dos PP. Jesuitas» — uma historia de se dormir em pé!

O *Pandoken*, fundado em 1866, no Rio, com desenhos muitos imperfeitos, calumniosamente parece não achar outro representante mais proprio do que o Padre, para o «vicio da gula e da hypocrisia.»

Mas essas miserias não são apenas dos tempos idos... Ainda recentemente se estadeiam impunes... Na opinião do *O Malho* as relações amistosas de um paiz com a Egreja Catholica equivalem a uma «cadeia de ferro» — (*Malho*, 13.VIII.910) a Affon-

so XIII, na bocca do qual põe expressões grosseiras e ineptas, nas quaes o joven rei hespanhol protesta *libertar* do Vaticano a Hespanha, a exemplo de Portugal... Não ha duvida: Portugal vae mostrando *praticamente* as vantagens dessa *liberdade*...

O engraçado (ou melhor, o triste) é que *O Malho*, no mesmo numero em que insulta o Chefe da Egreja, publica o retrato de um ministro della, o «digno e respeitado vigario de \*\*\*, Estado do Ceará».

*Quousque tandem!*...

Os homens publicos — deputados, jornalistas, etc., que commettem a *injustiça* de não serem anti-clericaes, ou que não se prestam á funambulagem da dança pelo realejo roufenho d' *O Malho*, são por elle ferinamente ridicularizados, como se vê nos n.ºs de 17. IX. 910, — 1. V. 910, — 29. X. 910, — 19. XI. 910, etc.

Não se esquecem seus desenhistas da aria da «superstição» que, na opinião d' *O Malho*, que assim affirma sua ignorancia e má fé, está na Egreja, quando ninguem, mais do que ella, combate sem treguas as cartomantes, os advinhos e outros apreciadores d' *O Malho*. Esse periodico figura uma conversa entre *Diabo* e *Diaba* (8. X. 1910).

«*O diabo* — Hein! Clemenceau no Rio de Janeiro e em S. Paulo!? Hum!...

*A diaba* — Receias alguma coisa, Satan?

*Elle* — Receio a queda de meu prestigio. Clemenceau é meu inimigo figadal, com as taes idéas de livre pensador, inimigo dos padres...

*Ella* — E a reacção da carolice? E o analphabetismo?

*Elle* — Sim, a minha unica esperanza, porque enquanto houver ignorancia e carolismo, não faltará quem acredite em mim!»

Que formidavel transtorno deve causar, portanto, ao pobre do Diabo e sua *consorte*, a circumstancia de que no Brasil são justamente os Padres os que mais propagam e sustentam escolas—primarias e secundarias!

#### IV. — Ordens Religiosas

Para perfeitamente comprehender-se porque as Ordens Religiosas tão frequentemente são alvo das mais violentas investidas, dos mais ferozes insultos, das mais tôrpes calumnias, basta lembrar que constituem ellas uma das mais fortes columnas da Santa Igreja. Pintores de fama universal glorificaram-lhe os feitos em humildes cellas, nos campos de batalha, nos quartos de enfermo, nas escolas, ou em um meio dos selvagens. Da mesma forma não age, porem, muitas vezes o lapis dos caricaturistas. E' raro encontrar-se por elles rendido um preito de homenagem ao religioso ou á irman de caridade, ao passo que as pilherias que os tentam offender e ridicularizar são frequentissimas.

Talvez sem querer... Angelo Agostini, em 1876, (Rev. Ill. de 4. III.) querendo descrever os horriveis effeitos produzidos na população do Rio pela febre

amarella, viu-se forçado a render homenagem ás benemeritas Irmãs de Caridade de S. Vicente de Paulo, que o artista apresenta desprendida e heroicamente junto aos amarellentos, expondo-se a todos os perigos no cuidal-os, até mesmo em plena rua!

Muito diversamente de seu intuito verdadeiro é interpretado o pão repartido ao povo nas missões. Na Rev. Ill. (22.VII.1876) Agostini pelo lapis e pela penna diz: «Já na Provincia de S. Paulo um maldicto frade prega infamias a 5.000 imbecis com o unico fim de saber com quantos soldados do Papa elle poderá contar no dia da revolta. Frei Caetano não foi prégar, foi recrutar» — Tivesse assistido o talentoso artista aos sermões do zeloso missionario capuchinho, e não teria escripto tanta tolice.

« Si ao menos, — escreve o mesmo na *Vida Fluminense* em 1869, por occasião da vinda de alguns religiosos europeus — o governo se lembrasse de lhes fornecer enxadas... e os mandasse para a roça... E' pena desconhecer Agostini que os religiosos fizeram isso e muito mais! Qualquer compendio de historia universal o registrá. A calumnia não pára, nem mesmo em face dos heroicos missionarios que se embrenham pelo sertão selvagem a civilizarem o indio. O mesmo Angelo (*Rev. Ill.* 1880, n. 244) iomenta um frade em doce aconchego com uma india: «Bom officio, e como em tudo é preciso *chercher la femme*, é por ahi que começam. Ah! pandegos! Assim, tambem nós catechizamos!» Isso mesmo sabemol-o nós, e si os missionarios — o que absolutamente não fazem — imitassem essa especie de



catechese dos anti-clericaes, não os censurariam estes, por lhes faltar direito de o fazerem...

O mesmo caricaturista volta ao desenho de calungas que extraordinariamente lhe parecem agradar, representando frades agostinianos (*V. Fl.* 20.XI.1869) em formidavel bebedeira na festa de S. Thomaz de Villa Nova e S. Pedro Arbués; ainda é o mesmo o assumpto de sua caricatura de 24.I.1874.

As Irmans de Caridade, reconhecidas heroínas, não escapam a aggressões, calumnias e injurias. Veja-se a *Revista Illustrada* de 6.V.1882, sob o titulo «Hospicio D. Pedro II.»: «Perante o rosario e a disciplina que as Irmans de Caridade applicam (!) para a cura de seus doentes, o corpo medico, os pharmaceuticos e os enfermeiros entenderam dever retirar-se. Pobres alienados!»

Numa serie de quadros (*Rev. Ill.* n. 374, de 1884) Saldanha Marinho e o caricaturista, «por medo do inferno» pedem ser admittidos num convento: «Tosquearam-nos em regra e fomos fardados á franciscana.» Com grande surpresa, os novos frades — e nisso foram mais felizes do que nós — encontraram «mesa sortida com tudo quanto ha de mais succulento.» O lapis de Agostini repete ahi scenas de intemperança... e outras, peiores, immoraes, na fazenda, onde foram visitados por mulatinhas «jovens e interessantes» que serviam o café.

Por occasião da revolta de Canudos, Angelo (*Don Quixote*, 1898, n. 79) aconselha que se mande «um regimento de frades barbadinhos para domar esse fanatico e barbado capadocio (Antonio Conselheiro).» Pena é que o conselho não fosse seguido.

Alem do rabiscador destas linhas, que por signal não é barbadinho, outros religiosos foram para Canudos, não lhes sendo pelo governo permittido penetrarem no campo de batalha, tendo elles de limitar sua acção, aliás reconhecida por um Euclides da Cunha, ao tratamento de feridos e enfermos, em Cansação e Queimadas.

O *O Malho*, em caricaturas de frades e irmans de Caridade, entrega-se a verdadeiras orgias. Em 3.IX.1910, publicou elle «A nova luz» representando uma mulher que dá um pontapé em um religioso: «Como a Hespanha moderna trata hoje quem lhe procura ennegrecer o dia de amanhan. O' tempora! O' mores!»

Força é exigir ao professor de historia do *Malho* que restitua o salario de lições tão pouco fructuosas...

Num cumulo de desfaçatez e baixeza, *O Malho* se fez echo das calumnias transmittidas pelos tripingados de Portugal, publicando a 15.X.1910, com as respectivas caricaturas, a calumnia infamissima seguinte: «algumas freiras, presas e recolhidas á sala do Risco, amamentavam crianças, e outras se achavam em estado interessante.»

O que nenhum cavalheiro que se preze poderia dizer em relação a uma qualquer donzella honesta, atreve-se impunemente a dizer *O Malho* de senhoras da mais alta sociedade, sem que por isso lhe diminúa consideravelmente o numero de seus 80.000 leitores (Vide n. 419 de 24. IX. 1910). Que admiraveis paciencia e dignidade as desses *catholicos!*

O mesmo numero que insére aquella calum-

nia infame, reproduz-a em outra pagina, com a seguinte legenda sob um boneco que figura um Jesuita: « O que eu mais sinto não é abandonar os grandes do reino. E' ter de abandonar os... pequenos. Pobre... pae! » — E' infamissimo!

Confirmado se vê o velho axioma: os inimigos do altar são os inimigos da autoridade civil. Na capa do mesmo numero, de extraordinarias baixezas, vê-se um portuguez armado, calcando aos pés corôa e sceptro. E' a recommendação da rebellião e do derramamento de sangue, quer se trate de monarchia quer se trate de republica.

Teria sido um *lapsus pennæ* aquelle do insulto ás benemeritas e purissimas Irmans de Caridade? Quanto desejaríamos crê-lo! mas em outra pagina do mesmo *Malho*, com toda sua tiragem de 80.000 exemplares, vê-se a Republica a puxar o cordão da... (desculpem) da... latrina, e a sahirem de um cano de esgotos: Bispos, Padres, Irmans de Caridade *que são mães*, etc. Para que commentarios?

Zé Povo, em outro desenho, (22. X. 1910) é figurado vomitando padres *com filhos*, soberanos, etc... Isso ainda no *Malho*: tiragem, 80.000 exemplares, e no Brasil civilizado!

A inconstitucional prohibição de desembarque dos religiosos portuguezes, no governo Nilo Peçanha, gratamente echoou ao coração d'*O Malho*, que alem de outras caricaturas e dizeres insere estes, com desenho adequado, dizendo Zé o Povo: « Pois sim! Vão contando com isso (*Protestos*). Emquanto Deus me der vida e saude hei de estar ao lado dos esta-

---

distas energicos e prudentes que oppõem diques á invasão da... vasa, desta fradaria facciosa que transforma os conventos em lupanares (isso fica magnificamente bem na bocca do immoralissimo *O Malho!*) e em reductos de fuzilaria e dynamite contra mim! Rua com os expulsos dos conventos portuguezes! (E' verdade, mas deve o *Malho* começar com a justiça por sua propria casa...) Basta de urubús malandros!.. (Pena é que parece não são desta opinião os seus oitenta mil leitores..)

---

## VIII.—Corolarios e considerações

### I. — Espirito, Arte e Technica

Pelas exposições feitas neste trabalho e pelas reproducções publicadas, já o leitor terá formado juizo seguro sobre o espirito, a arte, e a technica da caricatura brasileira. Em relação a suas qualidades de espirito e de arte, podemos collocal-a ao lado das congeneres dos paizes em que mais se ella distingue. Por mais que se revolvam as paginas de jornaes e revistas caricatas, sempre algo de novo se nos depara nellas. Formam até mesmo as caricaturas farto manancial de consulta para o historiador, que nella encontra por ellas registrado tudo quanto na época respectiva mais fortemente haja preocupado os espiritos. Com percepção admiravel sabe o caricaturista descobrir o lado humoristico ou fraco de qualquer questão em fóco, e lhe surprehende sempre novas faces joviaes, mesmo sem a preocupação de ferir.

Apparecem, nas publicações brasileiras, reproduções de revistas estrangeiras do mesmo genero — mas a maior parte dos trabalhos é original — nem sempre devidos exclusivamente ao lapis de brasileiros natos, mas as mais das vezes ao de artistas que, pelo menos, aqui hajam vivido longos annos.

Menos admiravel não é, na caricatura brasileira, a feição artistica dos desenhos do que seu espirito. Raul, por exemplo, sabe realçar os principaes, si não todos os caracteristicos de seus bonecos sem recorrer ao auxilio de sombras demasiadas e de minucias fatigantes. Bambino (Arthur Lucas) prefere as fórmulas cheias, e cada um delles tem uma especialidade, mas, tanto no que respeita á originalidade quanto no que respeita á arte, podem os caricaturistas brasileiros concorrer sem desvantagem com seus collegas do Exterior.

Quanto á feição technica é differente. Algumas publicações, como o *D. Quixote*, *A Careta*, o *Fon-Fon*, e em geral as da actualidade, capricham bastante em se tornarem boas, sinão perfectas. As revistas antigas não dispunham dos mesmos meios nem dos mesmos recursos. *A Pacotilha*, de 1866, apresenta desenhos mal feitos; *O Pandoken*, do mesmo anno, *A America Illustrada*, de 1872, a *Revista Fluminense*, de 1870, *A Rabeca*, de 1870, a *Bahia Illustrada*, de 1868, o *Phenix*, de 1870, idem; *O Heraclito*, talvez devido á carencia de artistas e á falta de conhecimentos technicos, só na ultima pagina traz alguma caricatura; bem assim o *Espelho*, de 1870, cujos desenhos são muitos primitivos.

Longo caminho foi percorrido até que se chegasse á altura hoje attingida, e Angelo Agostini, que, infelizmente, não poudo resistir á influencia injusta do anti-clericalismo, extraordinariamente concorreu para o maximo desenvolvimento da caricatura brasileira.

Sua maleabilidade de estylo e sua originalidade, revelam-se, por exemplo, em «Mosaico Internacional» (J. do Br. 19. II. 1908) «Geographia Humoristica do Brasil» (V. Fl. 12. VI.), «O Sino de S. Francisco de Paula» (V. Fl. 12. II. 1870.) — e, sobretudo, nos cabeçarios do *Don Quixote* que, variando sempre, chegam por vezes a ser simplesmente esplendidos.

H. Fleiuss, na *Semana Illustrada*, revelou-se artista de pulso, superior, imaginação riquissima e lapis seguro, a quem cabe occupar logar de honra na arte, como tal.

## II — Artistas

O numero dos caricaturistas no Brasil é bastante elevado. Contamos, dentre elles, Angelo Agostini, Borgomainerio, Fleiuss, Duque Estrada, A. Santos, (*Falstaff*), e Pereira Netto, todos já fallecidos; Dr. Raul Pederneiras, Calixto Cordeiro, Julião Machado, Arthur Lucas (*Bambino*), J. Carlos, A. Storni, (*do Malho*), Leonidas Freire, Amaro Amaral, Ramos Lobão, Luiz Peixoto, Ricardo Casanova, Vasco Lima, Chrispim do Amaral, A. Cruz, Alberto Delpino, Mlle. Nair de

Teffé, Ariosto, J. Rodrigues, Loureiro, Belmiro de Almeida, J. Ayres, Teixeira da Rocha, Yôyô (S. Paulo), Voltolino (S. Paulo), Martinho Dumienne, Presciliano Silva, Arnaldo de Carvalho, Gaspar Magalhães, Augusto Rocha, A. Freitas, Hilario Teixeira, Henry Puységur, Isaltino Barbosa, Germano Neves, A. Urfini, Sá Roriz, J. Peres, Peres Jr., J. Gamarra.

Sobre Angelo Agostini diz *O Paiz*, (I. 1911) «... companheiro e amigo de Joaquim Nabuco, desde 1859 irmão de crenças e irmão de armas desse nobre batalhador. Nabuco não era o embaixador: era o intemerato abolicionista que pelas paginas do *Diabo Côxo* — um jornal irreverente fundado por Angelo Agostini em S. Paulo, completava com as fulgurações de um estylo energico e vibrante os golpes mortaes que o lapis primoroso de Agostini vibrava sem treguas, sem esmorecimentos, na odiosa instituição servil... De S. Paulo, que Angelo Agostini trocára pela Italia, sua patria, veiu para o Rio de Janeiro, onde passou toda sua longa, fecunda e trabalhosa existencia que hontem (23. I. 1910.) findou. Aqui fundou primeiro, e com o concurso de Antonio de Almeida, *A Vida Fluminense*... Depois fundou *O Mosquito*, com outro extraordinario artista, Bordallo Pinheiro, (portuguez)... Mas a grande phase, a phase aurea de sua carreira artistica, teve-a Angelo Agostini na *Revista Illustrada*. As brechas que Patrocínio abria com a penna no edificio odiento da escravidão, não eram mais terriveis, não produziam resultados mas rapidos ou mais energicos, que os riscos impiedosos com que o lapis do eximio caricaturista traçava firmemente a ignominia flagrante



de uma instituição reprobada». Angelo Agostini por algum tempo soffreu das faculdades mentaes, e «só voltou á actividade de sua profissão em 1894, para fundar o semanario *Don Quixote*.»

Ao enterro do artista, feretro de primeira classe, estiveram presentes vultos notaveis da arte, da imprensa, da politica, e no luto participou por telegramma o Barão do Rio Branco.

Em apotheose publicada no *O Paiz*, lê-se o seguinte: «... com o lapis leal, destro e forte, traçou paginas nas quaes castigou em linhas que a caricatura de todos os tempos venerará, as ambições dos egoistas, e exaltou as grandes aspirações dos homens verdadeiramente nobres de seu tempo». — A' missa do septimo dia de seu passamento assistiram o dr. Ruy Barbosa, o dr. Agostinho dos Reis, e uma multidão de pessoas gradas.

Por iniciativa do Centro Artistico *Juventas*, da Escola de Bellas Artes, a memoria do finado caricaturista ficará perpetuada por uma herma artistica. Na Bibliotheca Nacional foi photographada a pagina contra a escravidão, que representa o voluntario regressando da guerra do Paraguay e que encontra sua infeliz mãe escrava amarrada ao *tronco* e chicoteada; será reproduzida essa photographia em postal; é a mesma pagina que por nossa vez e pouco antes mandámos tambem photographar na mesma Bibliotheca, e vae publicada neste trabalho.

O joven artista Emilio V. C. Ayres facilitou ao autor destas linhas um ligeiro exame de suas já numerosas caricaturas que, quasi exclusivamente, se occupam de pessoas da alta sociedade. O caricatu-

rista pretende editar bôa parte desses desenhos em luxuoso album de grande formato, mas não desconhece que muitos personagens que nelle ficarão perpetuados pouco apreciarão essa honra. . .

### III. Nossas publicações caricatas, em face do Catholicismo

E' evidente que, como catholico, não podemos admittir faltas á moral, insultos á santa Religião, ridicularizações da autoridade legitima, e incitamentos a quaesquer actos injustos. Ha alguma publicação entre nós que não incida em nenhuma dessas faltas?

Das antigas, já suspensas, não é necessario tratar agora. Aliás, as exposições que anteriormente fizemos permittem dellas uma justa idéa. E as presentes?

Raul, autor do texto e dos calungas do *Seu Chico Pindoba*, Aventuras de um Fazendeiro de Pindurassaya — Rio, off. do «Jornal do Brasil» (1.<sup>a</sup> parte 218 paginas; a 2.<sup>a</sup> ainda não appareceu em volume) apresenta desenhos altamente humoristicos, que fazem rir ao proprio misanthropo, sem que tenha o artista sentido necessidade de recorrer á immoralidade ou insultos contra quem quer seja. E' um livro que francamente póde figurar em bibliothecas catholicas, de collegios e do lar.

O *Jornal do Brasil*, riquissimo em caricaturas, muitas das quaes verdadeiros modelos de espirito, de graça, de arte, esforça-se em respeitar a

Religião e a moral, ainda que, aliás raramente, alguns desenhos apresente que melhor seria não terem sido publicados. Quanto ao devido respeito ao principio de autoridade e quanto á questão social, em particular o operariado (pag. veja-se 68) nem sempre podemos applaudil-o. As caricaturas que se referem á autoridade são, indubitavelmente, espiritnosas e armam ao effeito, mas nem sempre deixam de ser algum tanto offensivas. No mais, é pena que a sabia e bôa reserva que o *Jornal do Brasil* se impoz quanto ás leis da moral e á Religião, se não extenda tambem com o mesmo criterio a sua abundantissima parte de annuncios. . .

*O Paiz*, fiel a seu programma, quasi sempre em suas caricaturas hostiliza a Santa Religião, ao ponto de atacar injustiça a propria classe judiciaria apenas porque, como na questão do anarchista Ferrer, se não prestou ao serviço do fanatismo antireligioso.

As numerosas provas citadas do *O Malho* mostram á evidencia como essa empresa, infelizmente, zomba da santa Religião e dos mais comesinhos principios da moral. Aliás não somos nós que a temos de julgar. O Exmo. Revmo. Sr. Bispo da Parahyba, D. Adauto, a 2 de abril de 1911, prohibiu a leilura d'*O Malho* a todos os seus diocesanos, fazendo publicar a seguinte circular:

REVMO. SR. VIGARIO

Considerando a grave responsabilidade que pesa sobre nossos hombros de velar pela preservação do nosso rebanho da contaminação das más doutrinas, as quaes infelizmente nos tempos hodiernos se diffundem por todos os meios e principalmente pela imprensa má a serviço do maçonismo corruptor;

julgamos dever chamar a atenção de V. Revma. por essa parte do munus pastoral e recommendar-lhe com todas as veras de noss'alma e toda a autoridade de que nos investiu o Divino Pastor, que, a par do zelo na propaganda da bôa imprensa, empregue o maior cuidado e esforço em extirpar de sua parochia, e especialmente do seio das familias e das mãos da mocidade, as publicações que ostensiva e veladamente propagam doutrinas subversivas da ordem, da moral ou da Religião, e prégue insistentemente aos fieis sobre o perigo das más leituras, fazendo-lhes ver a gravidade da culpa dos que por esse meio se expõem ao perigo de perder a fé e desviar-se dos bons costumes.

Dentre as publicações nocivas que circulam em nossa Diocese, cumpre mencionar, como a mais perniciosa de todas, uma revista caricata intitulada *O Malho* — editada no Rio de Janeiro, a qual, explorando o genero humoristico, para ganhar popularidade, de ha muito vem se fazendo arauto de theorias deleterias e attentatorias contra o principio divino de autoridade, de preconceitos e inconveniencias contra a moral atirando o ridiculo e o desrespeito sobre os depositarios do poder publico, chasqueando dos dogmas, do culto e dos Sacramentos, enxovalhando com o lodo da diffamação aos sacerdotes catholicos e tudo maculando com o virus da pornographia.

Urge, pois, premunir os incautos e affastal-os de tão poderoso elemento de corrupção.

Com esse intuito leve V. Revma. ao conhecimento de seus parochianos que, usando nós da nossa autoridade pastoraí, resolvemos prohibir a todos os fieis da nossa Diocese a leitura do — *O Malho*, — bem como que o comprem ou assignem, o que seria amparar e proteger o campo inimigo.

Parahyba, 2 de Abril de 1911.

L. † S.

† **Adaucto**, Bispo Diocesano.

O *Tico-Tico*, fundado em 11 de outubro de 1905, é «jornal das crianças». Sua origem, que se revela no subtítulo: «publicação do *O Malho*» —

já não póde inspirar a minima confiança, a quem aprecia e respeita as leis da moral e ama sua Igreja. E de facto, logo deparamos com o que torna o *Tico-Tico* leitura impropria, e mesmo inconveniente, para crianças. Assim é que vemos no numero 2 (18. X. 1905) em baixo de um dos 15 quadros intitutados «As aventuras de seu Julio»: — «O seu Julio tem um coração de fogo. Ih! os meninos não imaginam! Apaixona-se por todas as moças.» . . .

O n.º 5 (8. XI. 1905) narra, em 4 quadros «Uma aventura de amor» na Turquia, que consiste na historia de um rapto e termina com as palavras: «casaram-se e foram felizes». Não é isso insinuação á tentativa de aventura semelhante?

No n. 10 de Janeiro de 1906, apresenta-se a vingança como digna de louvor. No dia 4 de Junho do mesmo anno é dado como lenda um facto narrado na Biblia Sagrada: «Não ha criança que não tenha ouvido contar a historia do Diluvio, uma legenda muito antiga, pela qual se conta que choveu durante quarenta dias e quarenta noites, sem parar»...

Felizmente, possuímos no *Anjo da Guarda* (Rio de Janeiro) o excellente «jornal das crianças» que vantajosamente substitue o *Tico-Tico* das theorias e praticas levianas e perigosas, e que, sem o menor receio, pode ser dado ás mãos da criança a mais innocente.

A *Careta*, do Rio, apresenta-se com um material esplendido, mas suas frequentes. . . frivolidades, para não dizer mais e peor, não a podem recomendar aos catholicos. Em um unico numero, as vezes, multiplicam-se por exemplo assumptos um tanto

equivocos, como no n. 103 (21. V. 910): o conego falando de amores de um Padre; «As diabruras de um cometa», attribuindo á Egreja medo pueril de um phenomeno natural e descahindo para o escabroso terreno do rapto; «Os namoradores»... Assumptos semelhantes são explorados no n. 106 (11. VI. 910) em «recommendações» e «Rapto escandaloso!» no n. 129, (19. XI. 910).

Sem descer jamais ás sujas baixezas d'*O Malho*, — *Fon-Fon*, no Rio, ainda não satisfaz as justas exigencias de uma revista decente pela facilidade de certos assumptos (ns. 15, 20, 23, etc.) frequentes nudezas (n. 47 e outros), desrespeitos á Religião, á autoridade, etc.

#### IV. E' possivel uma revista caricata decente?

Tão lata pergunta não pode ser respondida de prompto com um rapido *não* ou *sim*. Examinemol-a por partes

O caricaturista catholico não dispõe de manancial de assumptos tão farto como o de que dispõe seu adversario. Deve affastar mão de tudo quanto possa encerrar offensa á moral, por mais leve que pareça, bem como tudo que mine o respeito devido á autoridade, tudo que possa redundar em injustiça, etc. Ainda assim, porém, não soffrerá elle em demasia da carencia de assumptos — como aliás nós mesmos receiáramos ao iniciar este trabalho. O exame

das muitas publicações caricatas que fizemos, convenceu-nos de que ha muita coisa, e bem espirituosa, que nos possa servir, o que facilmente é demonstravel pelas exposições que se contêm neste obscuro estudo, e pelas gravuras que o acompanham. As proprias publicações caricatas já editadas no Brasil fornecerão aos collaboradores de uma revista illustrada decente numerosas idéas, que, mesmo sem plagio, poderiam ajudar muitissimo os artistas na escolha da materia, amplissima, inesgottavel.

Existem artistas dispostos a pôr seu talento a serviço da boa causa? Negal-o, equivaleria talvez a uma offensa. Com satisfação vemos como alguns artistas cuidadosamente evitam tudo que, de leve siquer, possa offender a san moral ou a fé catholica. Isso porem não destruiria os fortes obstaculos que semelhante empresa exige grandes, bem grandes nos recursos materiaes. Bons artistas exigirão e merecerão bons salarios. Os clichés custam caro. Papel ordinario não se presta á boa impressão de gravuras. A installação typographica nem é simples nem barata. O corpo de redactores, a direcção technica, a administração devem ser de primeira ordem. Haverá quem possa tornar realizavel todo esse bello sonho?

Em si mesma, a empresa não é absolutamente impossivel. Prova-o o desenvolvimento sempre crescente — já não diremos de um *Il Mulino*, mal feito e mal impresso, — mas do brilhante *Der Guckkasten*, de Berlim, redigido pe'lo grande romanista, e fino humorista Paulo Keller. E' folha illustrada que cultiva a arte e o bom humor, sem jamais offender a quem quer que seja.

A força, a energia de um só, si não for mesmo um espirito superior e homem de ferro, talvez não sejam sufficientes para efficazmente pôr hombros á empresa. Mas... não será defensavel o alvitre de uma congregação religiosa tomar o pesado encargo a si? Não é necessario que essa revista decente seja exclusivamente caricata; nem o são *O Malho* e outras que devem ser substituidas; poderão, e muito, aproveitarem-se de reproduções photographicas de acontecimentos do dia, vistas, quadros, etc., alliando a tudo isso a parte directamente humøristica da caricatura decente. Mas... para que tudo isso?

Para que? Oh! contra o máu theatro só o bom; contra o cinema immoral, só o decente; contra a imprensa impia só a catholica; contra a arte infame só a pura; contra as revistas illustradas ao serviço do demonio, só as revistas illustradas ao serviço de Deus. Uma pequena e promissora tentativa de auxilio á solução do problema, ahi a temos n'*O Albor*, editado pelo intrepido Padre Jacomo Vicenzi. E' verdade que se apresenta não simplesmente como revista illustrada, ou caricata, e sim como órgão da Liga Social Catholica Brasileira, — mas o facto é que no genero se assemelha ás revistas caricatas que por ahi publicam. *O Albor*, a olhos vistos, se aperfeiçoa e não ha duvida que todos quantos apreciam a moralidade terão o maximo interesse em prestar auxilio e apoio a *O Albor*, assim concorrendo para que prospere de numero em numero, e chegue finalmente a constituir-se o *Guckkasten* brasileiro. O caminho a percorrer é longo e árduo, mas nada é impossivel a quem realmente quer e sabe querer.



## IX. Um caricaturista sobre a arte dos Calungas

Ouvindo o leigo na materia, ouça-se tambem a palavra de um dos mais distinctos caricaturistas do Brasil, o Dr. Raul Pederneiras que, a 17 de Junho de 1911 fez, no salão dos Empregados do Commercio, do Rio, uma conferencia sobre a caricatura, em beneficio da herma de Angelo Agostini, acompanhando a dissertação pela execução de caricaturas *á la minute* a proposito dos assumptos sobre que discorria.

*O Jornal do Brasil* publicou sobre esta conferencia original o seguinte resumo:

“Condscendente auditorio. — Para começar a minha simples arenga, devo affirmar que a origem da caricatura perde-se, com perdão da “chapa” nos fastos de remotissima historia, confundindo-se na tenebrosa noite dos tempos e das “tampas” das memorias ancestraes.

Cabe ao seculo XIX a gloria da publicidade, com o progresso da gravura e a formação dos jornaes illustrados, não

me recordo em que anno, mas qualquer um serve, porque, em se tratando de humorismo, todo o anno é invariavelmente "o anno da graça..." Desde então a imagem, o desenho, a caricatura appareceram pelas paredes, pelos muros, e invadiram a imprensa quotidiana e quotinocturna, onde hoje substituem com vantagem as longas chronicas pelos retratos e instantaneos que são documentos mais insinuantes do que as phrases dos noticiarios.

Aos olhos de quem pensa, ao pensamento de quem vê, a imagem, mal feita e grosseira embora, é uma revelação, é uma denuncia dos sentimentos e dos costumes de uma época; a gravura popular, alegre ou commovente, tem um consideravel alcance historico e social. Por ella alcançamos o retrospecto das alegrias e dos temores moraes dos nossos antepassados; por ella mantemos em permanente communição as tradições de época inteiras.

E porque? — Porque a imagem está ao alcance de todos e muitas vezes apresenta eloquencia mais vigorosa do que o mais vibrante artigo de combate.

Arthur Azevedo dizia-me sempre que receiava mais a ironia de um lapis do que todas as catilinas dos artigos de fundo. Longe de mim o projecto de fazer um apanhado historico da caricatura, com a semsaboria das datas e das épocas, que a chronologia inventou para estragar a memoria humana. Meu intuito é mostrar a caricatura, suas modalidades, seus systemas e seus variados processos.

Entre nós houve um periodo de combate em que tivemos verdadeiros prodigios do lapis: Henrique Fleiuss, Pinheiro Guimarães, Flumen Junius, Faria, Duque Estrada, Teixeira, Belmiro, Pereira Netto, Angelo Agostini (cuja saudade inspirou o nobre movimento dos estudantes da Escola de Bellas Artes), Raul Pompeia e o nosso romancista Aluizio Azevedo foram os primeiros batedores da publicidade marcando épocas definidas na vida politica e social da nossa terra.

Surgiram depois Arthur Lucas, Hilarião Teixeira, Chrispim do Amaral, Teixeira da Rocha, Celso Herminio, Isaltino Barbosa e Julião Machado, seguindo-se a corrente dos novos tendo na vanguarda os nomes de Calixto Cordeiro, Luiz Peixoto, J. Carlos, Storni, Leonidas, Lobão... não esquecendo o pranteado "Gil".

— O primeiro «boneco», o primeiro «calunga», como se diz em giria de desenhistas, devia ter apparecido na idade da pedra; assim affirmo porque o primeiro trabalho desse genero foi trabalhada em «pedra polida».

Como intuição a caricatura constitue o encanto desopilante de todas as crianças, desde dois annos de idade até os 80 no minimo: — O systema primitivo consistia em exaggerar as cabeças e os narizes atarracados em corpos microscopicos; systema que resistiu durante meio seculo.

A febre intensa da imaginação levou mais longe as exaggerações; hoje exaggera-se tudo, chegando á perfeição de desmentir a sabedoria das nações. Sim, quando eu pinto um maneta, ninguem dirá ser verdade o proverbio que garante que «uma mão lava a outra. . .»

O essencial na caricatura ligeira, é o estudo das expressões em poucos traços, de que vou dar alguns exemplos. . .

Infelizmente a maioria das pessoas exige ou inventa que a figura feita se pareça com alguem, que tenha character pessoal. . . Quando parece um perfil sem pretensões, surge invariavelmente a pergunta: — «Quem é?» Si o autor responde que é uma «charge» impessoal, o observador não fica satisfeito e acrescenta: — «Sei, mas vejo que tentou fazer o perfil do barão de Cayapó». . . Si o autor, descoroçoado affirma que nunca viu mais gordo tal personagem, o observador não desanima e prosegue: — «Hum! Você disfarçou, mas essa figura tem traços do Dr. Campos Salles, do nariz para cima. . .» — E' esta uma das torturas dos caricaturistas.

Na vida agitada do jornalismo moderno o caricaturista que não puder inventar ao menos uma «charge» está irremediavelmente perdido!

Para salvar a situação ha recurso, o processo denominado «dialogo» ou «verbo de encher:» — pinta-se um boneco a conversar com outro e põe-se um dialogo por baixo, engraçado ou desengraçado, um trocadilho a proposito, qualquer cousa serve: o policiamento do Rio Comprido, a falta d'agua na rua D. Emerenciana, et cætera. . .

Com a mania da humanização o caricaturista chega a humanizar as cousas mais «deshumanas», por exemplo: uma chaleira mal encarada, um cão que ri e um automovel que arreganha os dentes. . . o exotismo vae ao ponto de verdadeiro

malabarismo do lapis, humanizando as cousas mais frias e inexpressivas como sejam os algarismos!

A caricatura politica, franca e desembaraçada em outros tempos, hoje é mais constrangida porque as paixões da época não reconhecem a verdade de Nicolau Tolentino:

«Damos golpes nos costumes e cuidam que é nas pessoas.»

A tortura dos caricaturistas é fazer os perfis dos homens politicos. . . que pertencem quasi sempre á categoria das physionomias «ingratas» ao lapis. Os costumes fornecem um contingente precioso desde que o lapis saiba observar com propriedade, estabelecendo differenças por exemplo, entre Botafogo e o Sacco do Alferes. . .

Genero menos accessivel, mais difficil é o conto, a historieta illustrada, com texto ou sem texto.

Nesse campo o norte-americano é mais imaginoso: eis aqui uma prova: — «em grande hotel de insectos e vermes, a mosca extranha que á porta de um quarto nunca appareçam os sapatos de um dos hospedes. Esse hospede é a minhoca, que por falta de pés. . . dispensa os sapatos. Dias depois a mosca vê, á porta de um quarto para solteiro, uma sapataria, uma legião de calçado, uns cincoenta pares. Espanta-se com essa promiscuidade de hospedes em um quarto para uma pessoa só e. . . verifica que o hospede é uma centopeia. . .»

Os francezes apresentam a maior dóse de ironia; vejam este precioso conto:

«Tres comadres, na rua, conversam, cochicham, tesourando na vida alheia. . . Corre o tempo, o céu enfarrusca-se, desencadêa-se «procellosa tempestade, acompanhada de nocturna sombra e sibilante vento», ruem as casas, ha um formidavel cataclysm! . . . — e as tres comadres, inabzaveis, de pé no gozo supremo da taraméla de tesourar na pelle do proximo!»

Como chiste, cabe a palma aos allemães nesse genero, por serem mais simples e mais expressivos, «verbi gratia»: — Pequeno romance em dois quadros; no 1º quadro um «amador» afia enorme facão, e á janella uma mocetona tece uma meia. . . No 2º quadro, continuam os dois embevecidos com a troca de olhares. . . mas o facão está do tamanho de um canivete de algibeira e a meia estende-se pela rua mais comprida do que o canal do Mangue! Esse quadro caracteristico e revelador tem por titulo: «o amor é cego.»

Nesse difficil genero de historietas foi mestre o grande Caran d'Ache, russo de origem e francez de coração, que sempre deu provas de seu talento protheiforme, alliado a uma pujante imaginação.

— Para compensar as difficuldades das physionomias «ingratas» ao lapis, o caricaturista possui as physionomias «amigas», as «sympathicas», que são logo apanhadas por um ponto caracteristico, por exemplos: o Sr. Rio Branco visto de costas; o mais classico e mais sympathico dos perfis, o Dr. Lopes Trovão; a testa de Rodolpho Bernardelli; as suissas do Dr. Paula Ramos; as sobancelhas do Dr. Passos; o «cavaignac» do Dr. Rodrigues Alves; o queixo de Belmiro de Almeida; a barba do Dr. José Verissimo e Calixto escondido no chapéo. . .

Ha um campo que os caricaturistas respeitam, o feminino; ahi a cortezia cavalheiresca salva sempre o lapis, exceptuando as damas que soffreram do tempo irreparavel ultraje e as sogras, que a literatura irreverente traz de canto chorado ha longos seculos.

As senhoritas sim, são respeitadas: em todos os traços o lapis limita-se a jogar as expressões geraes, «verbi gratia»: um palmo de cara quando ouve um madrigal atirado á queima-roupa, e o mesmo palmo de cara quando sympathiza de veras com o autor do madrigal. . . Si o lapis rebelde não ajuda a embellezar o perfil feminino, salva-se a situação com o figurino moderno, que occulta sempre o rosto. . .

Para terminar a conferencia sobre a caricatura, que é mais uma caricatura de conferencia, vou tratar do instantaneo, do traço em flagrante que apanha em determinado momento uma expressiva figura.

Vou tentar reproduzir no papel, de memoria, o instantaneo de uma elegante senhorita, apanhado em dia de programma novo em um cinematographo, instantaneo em tamanho natural. . . . .

Sou forçado a desistir do instantaneo, pedindo mil desculpas ao auditorio por essa falta involuntaria, . . — infelizmente o papel não chega para desenhlar nem a metade do chapéo colossal da senhorita.»

O conferente executou cerca de quarenta caricaturas improvisadas a carvão.

## X. Appendice

### Revistas e publicações consultadas

1. *A America Illustrada* — Recife; fundada em 1872.
2. *Abelha* — Rio f. em 1879.
3. *A Bruxa* — Rio; f. 1896.
4. *A Cigarra* — Rio; f. 1895.
5. *A Gaveta do Diabo* — Rio; f. 1867.
6. *A Gazeta* — São Paulo; f. 1906.
7. *A Illustração* — Bahia; f. 1881.
8. *A Lanterna Magica* — Taubaté; f. 1867.
9. *Album de Caricaturas* — Rio; f. 1911.
10. *Almanak da Illustração Brasileira* — Rio; f. 1878.
11. *Almanak Humoristico Illustrado* — Rio; f. 1877.
12. *A Mascara* — Rio; f. 1899.
13. *A Noticia* — Rio; f. 1895.
14. *A Nova Semana Illustrada* — Rio; f. 1862.
15. *A Pacotilha* — Rio; f. 1866.
16. *A Rabeca* — Rio; f. 1870.
17. *Artista* — São Salvador; f. 1876.
18. *A Sentinella do Sul* — Porto Alegre; f. 1867.
19. *A Tarde* — São Paulo; f. 1911.
20. *A Vida Fluminense* — Rio; f. 1868.
21. *A Vida Moderna* — São Paulo; f. 1905.

22. *Bahia Illustrada* — São Salvador; f. 1868.
23. *Binoculo* — Rio; f. 1881.
24. *Cabrião* — São Paulo; f. 1866.
25. *Careta* — Rio.
26. *Diabo a Quatro* — Rio; f. 1881.
27. *Dom Quixote* — Rio; f. 1895.
28. *Fon-Fon* — Rio.
29. *Gury* — Curityba; f. 1907.
30. *Heraclito* — Rio; f. 1867.
31. *Ilustração Paulista* — São Paulo f. 1911.
32. *Jornal do Brasil* — Rio.
33. *Lanterna Magica* — Recife; f. 1882.
34. *O Albor* — Rio; f. 1911.
35. *O Anjo da Guarda* — Curityba — Rio.
36. *O Bezouro* — Rio; f. 1878.
37. *O Bisturi* — Rio Grande do Sul; f. 1908.
38. *O Bohemio* — São Paulo; f. 1881.
39. *O Diabo da Meia Noite* — Rio; f. 1879.
40. *O Espelho* — Rio; f. 1870.
41. *O Estabanado* — Recife; f. 1875.
42. *O Garatuja* — Rezende; f. 1887 (?)
43. *O Malho* — Rio.
44. *O Mosquito* — Rio; f. 1868.
45. *O Mundo* — Rio; f. 1911.
46. *O Mundo da Lua* — Rio; f. 1871.
47. *O Olho da Rua* — Curityba; f. 1907.
48. *O Paiz* — Rio.
49. *O Pandoken* — Rio; f. 186 .
50. *O Páu Bate* — Porto Alegre; f. 1905.
51. *O Pescador* — Rio; f. 1881.
52. *O Pimpão* — Rio; f. 1877.
53. *O Pirralho* — São Paulo; f. 1911
54. *O Polichinello* — São Paulo; f. 1876.
55. *O Ramallete* — Rio; f. 1861.
56. *O Tico-Tiço* — Rio.
57. *O Torniquete* — Rio; f. 1878.
58. *O Velho não quer* — Curityba.
59. *Phenix* — Bahia; f. 1870.
60. *Pinnóchio Illustrado* — Rio; f. 1911
61. *Republica das Moças* — Rio; f. 1879..

- 
62. *Revista da Semana* — Rio.
  63. *Revista do Brasil* — Bahia; f. 1905.
  64. *Revista Fluminense* — Rio; f. 1870.
  65. *Tagarella* — Rio; f. 1902.
  66. *Semana Illustrada* — Rio; f. 1860.
  67. *União Caixeiral* — Rio; f. 1903.
  68. *Zigue-Zigue* — Rio; f. 1878.

Como é obvio, não foram tomadas em consideração as publicações directamente immoraes do Rio e de outras cidades do Brasil.

---



# INDICE

A' guisa de introdução. . . . . 3

## I. NOTAS GERAES 6

## II. POLITICA. 11

1. Chefes da Nação e Ministros. . . . . 11
2. Eleições. . . . . 18
3. Senado e Camara. . . . . 22
4. Estados da União — Revoltas. . . . . 26
5. Politica do Exterior. . . . . 30
6. Finanças — Impostos — Commercio — Industria 32

## III. ADMINISTRAÇÃO. 35

1. Correios. — Telegraphos — Telephone. . . . . 35
2. Illuminação publica e Viação Urbana. . . . . 39
- 3- Hygiene e inundações. . . . . 43

## IV. A POLICIA E O TRIBUNAL. 47

1. A Policia e os criminosos. . . . . 48
2. Inquerito e Julgamento. . . . . 54

## V. VIDA SOCIAL. 55

1. Tradições e Festas . . . . . 55
2. Familia e Lar . . . . . 61
3. Civilização moderna. . . . . 62

## VI. A QUESTÃO SOCIAL. 65

1. A Escravidão. . . . . 65
2. As Classes Operarias. . . . . 68

- 
3. A desigualdade de Sorte. . . . . 70
  4. Feminismo — Modas. . . . . 73

## VII. A RELIGIÃO. 77

1. Moralidade publica. . . . . 77
2. Culto de Deus e dos Santos. . . . . 79
3. Igreja e Sacerdote . . . . . 82
4. Ordens Religiosas . . . . . 87

## VIII. COROLARIOS E CONSIDERAÇÕES. 93

1. Espirito, Arte e Technica . . . . . 93
2. Artistas . . . . . 95
3. Nossas publicações caricatas, em face do Catholicismo. . . . .
4. E' possivel uma revista caricata decente?

## IX. UM CARICATURISTA SOBRE A ARTE DOS CALUNGAS 105

## X. APPENDICE 110

---

# BIBLIOTHECA UNIVERSAL

---

1º Volume

Rs. 500

Enrika von Handel-Mazzetti

## O Anjinho e Morto por imprudencia

Traducção do Dr. Manuel de Queirós Mattoso Ribeiro

---

. . . Um verdadeiro mimo literario. . . Por vezes, em qualquer dos dois trabalhos, a narração chega a empolgar-nos, por delicadamente commovedora, — e a situação delicadamente dolorosa em que a brilhante escriptora sabe collocar seus personagens, não raramente nos fazem borbulharem lagrimas, e fundamente interessarem-se os corações sensiveis. (Do *Centro da Bôa Imprensa*)

. . . São duas historietas simples e encantadoras, mas que chegam a commover até ás lagrimas, tão emocinantes são os episodios descriptos e narrados, naturalmente decorrentes uns dos outros, até ao desfecho final.

O traductor esmerou-se em seu trabalho, aliás difficil; e deu-nos assim o inestimavel gozo intellectual de podermos ler, em vernaculo, os dois primorosos contos de Enrika von Handel-Mazzetti, duas obras primas. . . (*Neckwer*, em *Vozes de Petropolis*.)

---

3º volume (no prelo)

Baroneza Anna von Krane

## GRANDEZA OCCULTA e A COROÁ DE ESPINHOS

(Contos Biblicos)





